



fato e razão

94

Junho 2016

Conselho Diretor Nacional

Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira

Maria Inês e Gerson Pereira Pepe

Marisa e José Galdino Ulysses

Raimunda e Francisco de Assis Rocha

Albuquerque

Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação

Hélio Amorim

Arlete e João Borges

Itamar David Bonfatti

Jesuliana do Nascimento Ulysses

Maria do Carmo Freitas Schmitz

Marly e José Maurício Guedes

Rita e Luiz Carlos Torres Martins

Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos

Francione e Ricardo R. Werneck

Distribuidora Fato e Razão

Atendimento Assinaturas Livraria do MFC

Pedidos de Publicações MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68

cep 36010-520 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 18:00h

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Impressão Gráfica Santa Rita

Rua N. Sra. de Lourdes, 425 36070-450 -

Juiz de Fora - MG

Telefone: (32)3215-7060

orcamento@graficasantarita.com.br

Arte e diagramação Anderson Nogueira -

amarartesvisuais@gmail.com

e João Borges

Circulação restrita sem fins comerciais

Povoar a Terra na realidade do século XXI — 4

Hélio Amorim

Vai ter golpe — 7

Júlia Pessoa

A dor de todas as mães — 9

Daniela Arbex

A humanização e a desumanização do trabalho (1ª parte) — 11

Ivonil Parraz

A quarta revolução industrial — 14

Ronaldo Lemos

A quem agradecer? — 16

Maria Clara Lucchetti Bingemer

A vergonha e o terror — 19

Contardo Calligaris

Ave Maria mãe santa de Jesus! — 21

Itamar Bonfatti

Com quantas condenações se faz um preso? — 23

Marco Aurélio Lyrio Reis

Compreensão e acolhimento — 25

Deus e a nossa condição humana — 27

Laércio J. Bruni

Economia da criminalidade, ética pública e justiça na atualidade — 31

Guilherme C. Delgado

Esperança — 34

Leonardo Ulrich Steiner

Papa Francisco: igreja em saída — 36

de onde para onde?

Leonardo Boff - Adital

Incomodar com a práxis — 39

Rubens Carvalho

Justiça ou vingança? — 40

Maria Rita Kehl

Morrer e a morte na atualidade — 42

Bruno Fernando da Silva Reis

Não precisamos doutrinar filhos e alunos para assumirem nossa posição — 44

Rosely Sayão

O silêncio de Deus — 46

Frei Betto

Parábola dos trabalhadores da vinha — 48

Padre Dalton: sessenta anos de missão sacerdotal — 52

Programa Nacional de Formação à Distância — 55

Tributo a quem trabalha — 60

fato
e razão

3





EDITORIAL

POVOAR A TERRA NA REALIDADE DO SÉCULO XXI

Helio Amorim

O papa Francisco sugeriu que os casais regulem a sua fecundidade para não ultrapassar um limite razoável de três filhos. Ele vem percorrendo o mundo com olhar atento para a miséria em tantos países empobrecidos. Famílias excluídas dos benefícios da civilização pedem socorro nas ruas arrasando seus filhos desnutridos, sob o olhar impassível dos passantes. Passam a imagem de o número de filhos ser proporcional ao estágio de miséria sem esperança.

A palavra do papa causou espanto aos que conhecem o tradicional incentivo da Igreja aos casais para serem muito fecundos, apontando a bíblia: ... “então Deus disse: sede fecundos e povoai a terra”.

No princípio, ser fecundo era isso mesmo, a terra devia ser povoada porque ainda estava deserta.

A Igreja estimulava os casais para confirmar a sua fecundidade biológica e terem muitos filhos, sem acompanhar as notícias da explosão demográfica que levou aos atuais sete bilhões de terráquios. Ainda na “Familiaris Consortium” Paulo VI condenava o uso de anticoncepcionais pelos casais católicos, recomendando a “continência periódica”





atrelada a um ciclo menstrual nada confiável... que explica tantas famílias numerosas no passado.

Ora, a procriação é, de fato, um aspecto privilegiado dessa fecundidade. Apenas já não é o único. Já somos capazes de reler o mandamento de Deus e entendê-lo numa dimensão mais abrangente. Afinal de contas, o mundo mudou muito. Já está excessivamente povoado e muitos dos seus recursos naturais vão se esgotando.

Atentar que é péssima a distribuição de suas riquezas entre esses bilhões de seres humanos que hoje vivem – ou tentam sobreviver.

Quem tem os olhos abertos e um mínimo de sensibilidade, vê e sabe que um número incalculável de pessoas vivem em condições subhumanas, de miséria extrema, morrendo de fome, ou condenadas a um baixo nível intelectual e saúde precária, causados por subnutrição. São milhões de homens que não vivem como todos deviam viver, sendo todos criados à imagem e semelhança de Deus

É diante deste quadro que surgem desafios novos ao casal e à família que pretendam ser fecundos: não apenas procriar mas criar vida, num sentido ampliado. Trata-se de ajudar outras pessoas a passar de condições menos humanas para condições mais humanas de vida. Abrir possibilidades para que possam viver, como pessoas humanas, alguém que apenas vegeta – e que se agarra à vida já nem se sabe por que motivo.

Aqueles que se dedicam a essas tarefas de promoção humana, estão criando vida para muitos. Serão fecundos, mesmo que não possam gerar filhos. Uma das modalidades de promoção humana que mais se aproxima da procriação e talvez até a supere em nobreza e generosidade de parte do casal, é justamente a adoção de filhos.

Quando se pensa nos milhões de menores abandonados em nosso país, não podemos deixar de também pensar no mesmo número de famílias que teriam condições de adotá-los ou de alguma forma responsabilizar-se por sua sorte.

Se os mais generosos dessem o primeiro passo, em cada bairro, em cada comunidade de vizinhança... o exemplo haveria de produzir efeitos surpreendentes, mesmo sobre os mais insensíveis ao triste problema social.

Mas as pessoas se cercam de medos e receios infundados. Ou elaboram complicadas justificativas para se esquivarem dessa modalidade exigente de serem fecundos. E vai engrossando o imenso continente de crianças e adolescentes, carentes de tudo – principalmente de afeto.

Muitos deles serão talvez os delinquentes que ameaçarão, um dia, a tranquilidade das famílias que puderam mas não se dispuseram a adotá-las para resguardarem justamente aquela tranquilidade. E que não poderão se queixar depois do mundo de violência que, por omissão, ajudaram a criar.





Estes desafios estariam esvaziando o valor da procriação? É claro que não. O que hoje se espera dos casais é que tenham os filhos que sejam capazes de educar, e atender em suas necessidades básicas de afeto e cuidados de modo a permitir-lhes realizarem-se plenamente como pessoas humanas.

Também no exercício da procriação responsável e consciente,

defrontam-se a generosidade e a disponibilidade que se esperam dos pais, com o egoísmo e o comodismo, capazes de gerar famílias fechadas e limitadas em sua fecundidade.

Assim deve ser entendida e assimilada a fala do papa.

*Helio Amorim é membro
do MFC Rio de Janeiro*

Cada família do MFC

1 assinatura! POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.

Assinatura anual: **R\$ 30,00**

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

**Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas**

**Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520**





Júlia Pessoa*

Nunca fui das pessoas mais doces, e tenha lampejos bem frequentes de rabugice. Por isso, sempre achei um tanto piegas a enxurrada de “mais amor, por favor” nas redes sociais. Por outro lado, creio que só se combate fogo com fogo, e a única forma de combater a erupção de ódio que vem nos queimando as almas é com amor mesmo. Não o amor dos filmes e novelas, idealizado, perfeito e cheio de drama; não o amor de imagens de gatinhos fofos e bebês em mensagens de bom dia em correntes de whats App; mas o amor que não pede licença, que invade; mesmo como uma bala. exterminando o que restar de ódio e nos transformando em pessoas melhores para conosco e os outros.

Na semana que se passou, uma manifestação estudantil inteiramente pacífica teve como resposta o uso de spray de pimenta em adolescentes armados somente com cartazes e faixas, chegando a atingir seriamente um repórter fotográfico, que estava no local de trabalho. Também nesta semana, dois veículos, do nada, dispararam tiros contra si, eram nem dez da manhã, e atingiram inocentes que praticavam o ilícito ato de esperar

o ônibus em um ponto de ônibus. Isso sem mencionar, diante do delicado momento político em que vivemos, as atrocidades cometidas contra os direitos humanos, na democracia e mesmo qualquer sinal de solidariedade em relação a quem divide o mundo conosco. Crianças papagaiando discursos em prol da morte de políticos que nem sequer conhecem; apologias a um “governo”, opressor, violento e censurador; ataques físicos a pessoas que têm opiniões divergentes. Pior: tudo isso, não raramente, justificado sob a “confiabilíssima” chancela “li na internet” (insira aqui qualquer meio duvidoso que desejar), sem a menor preocupação com a legitimidade da informação.

Nesses dias ouvi Leonardo Boff dizer, aqui em solo juiz-forano, que “o ódio é a vingança dos covardes” e acrescentaria, em termos mais chulos, que é um tiro que sai pela culatra. Essa “coisinha louca chamada amor”, como diria Freddie Mercury, é mesmo revolucionária - ou será que ele diz afeto? Tanto faz!. E é só com ele, por ele, ou com ambos, que poderemos sair dos fossos em que entramos; seja como país, como pessoas ou como sociedade, sabedoria útil neste tempo em que tantos covardes vem se vingando diariamente, sem sequer saberem de quem.





Discordo, entretanto, de Ghandi, pregador absoluto da resistência pacífica.

Vai ter golpe sim! Uma porrada brusca de realidade, para que seja possível ver que alimentar o ódio, dizimar direitos e legitimar as desigualdades é o maior dos tiros no pé. Um golpe de recusa à aceitação da violência em silêncio; mas que a desarma na ofensiva, com disparos de afeto, tolerância e respeito. Independentemente de que lado estejamos no atual e lamentável Fla-Flu político nacional, já vejo surgirem os primeiros motins de

uma urgente e tão necessária revolução de amor, com o reforço de sua equipada troca de choque de clichês.

Mal posso esperar para que ela exploda de vez. !

Viva La revolución!

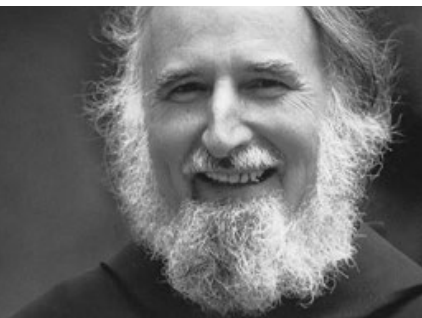
Júlia Pessoa é Jornalista

Transcrito da Tribuna de Minas

*Para reflexão: No ano da misericórdia
você exercita a transformação do
mundo, pelo amor a si mesmo,
ao próximo e à natureza?*

*A paz interior acalma os
desejos do coração.
Ela é o verdadeiro
tesouro da pessoa.*

Anselm Grün



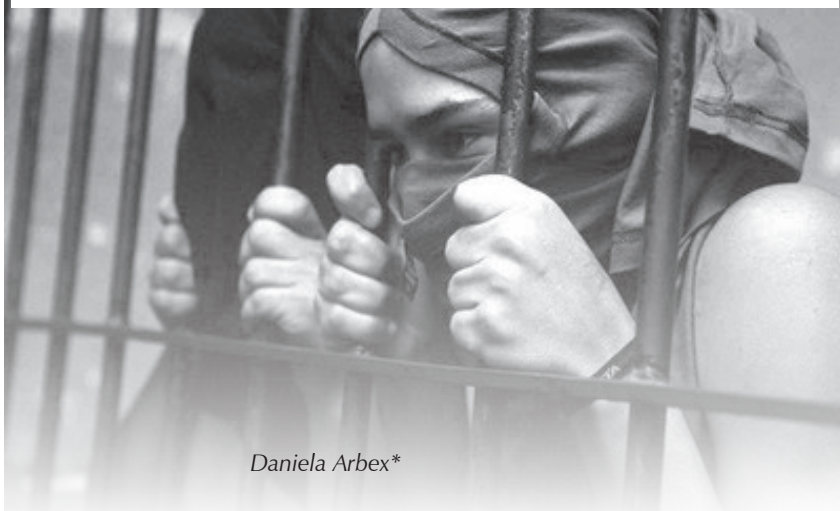
*A pedido da vida,
percorrerei toda a
extensão do
Universo contido
dentro do meu coração*

Paulo Campos Gerais





A DOR DE TODAS AS MÃES



*Daniela Arbex**

Na semana passada, procurei a Promotoria da Infância e Juventude para repercutir uma reportagem sobre abrigos da cidade. Na ocasião, o promotor estava em audiência e pediu para que eu esperasse. Apesar de estar do lado de fora da sala, consegui ouvir quase tudo que se passava lá dentro: as perguntas aos adolescentes envolvidos em atos infracionais, a falta de respostas convincentes e o choro das mães. Quando o último jovem deixou o gabinete de chinelos, uma mulher miúda, moradora da periferia, também saiu de cabeça baixa, enxugando as lágrimas que os óculos não conseguiam esconder. Fiquei sem lugar diante daquela cena terrivelmente real.

Ao ser, finalmente, atendida, o promotor me explicou que o caso daquele menino de 15 anos era

grave e não havia outra alternativa senão pedir o acautelamento dele no Centro Socioeducativo Santa Lúcia, conforme prevê o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei, aliás, equivocadamente interpretada como permissiva, pois é duríssima com meninos e meninas que infringem normas e, diferentemente do Código Penal – aplicado no mundo adulto – não aceita atenuantes.

Na mesma hora, pensei naquela mãe e no que ela estaria sentindo ao ver o filho sendo legalmente conduzido para uma unidade de privação de liberdade de jovens em conflito com a lei. Passou um filme na minha cabeça e me coloquei no lugar dela: e se fosse o meu filho? É claro que a maioria de nós já tem um discurso pronto sobre isso. Imagine, os filhos da classe média não





cometem crimes, porque são criados com boa educação e com limites. Mas e o filho da outra? Pobreza não é sinônimo de negligência, nem de desamor embora seja determinante quando o assunto é acesso e oportunidade.

Em todos os anos de escuta de mulheres que perderam seus filhos adolescentes para a criminalidade, conheci mães muito batalhadoras que trabalharam duro para oferecer o melhor que podiam dentro de uma vida de privações. Uma delas, que jamais vou esquecer, teve o filho de 14 anos assassinado em uma briga de gangues. No dia do crime ele estreava o tênis que ela – uma empregada doméstica - havia comprado em dez prestações. Em uma sociedade de consumo que só valoriza o ter em detrimento do ser, a mãe acreditava que o calçado que custou o seu salário mínimo tornaria seu filho igual aos meninos “bem nascidos” da casa onde ela trabalhava.

Se muitas mães de infratores não são irresponsáveis trabalham e mesmo assim são pobres, então a solu-

ção do problema para esses filhos transgressores está na educação. Mas de qual educação estamos falando? A que promove o menino – e nas palavras da pedagoga Gisele Zaquini Lopes, o ajuda a compreender e intervir no mundo em que vive, ou a que domestica o pobre evitando que ele mais tarde se torne o bandido que entrará nas nossas casas?

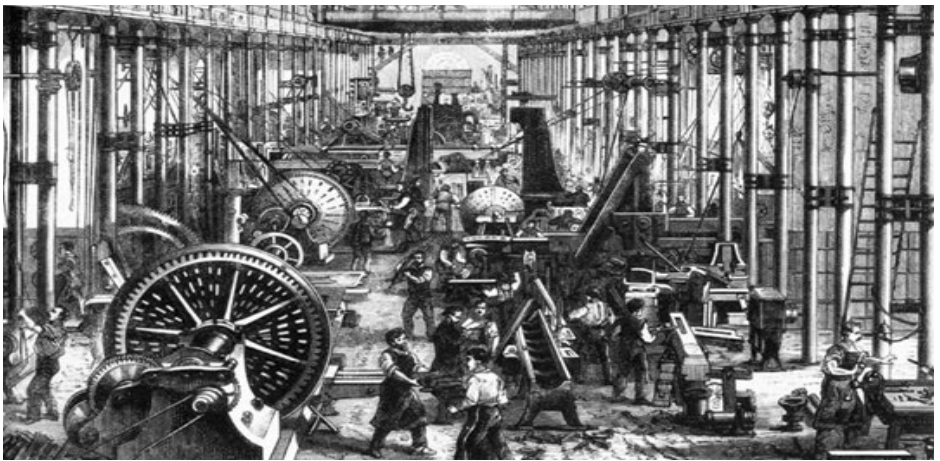
Em um mundo de aparências e superfícies, criminalizar é a forma mais fácil de aceitar a cristalização dos espaços e de conviver com as desigualdades que nos desafiam pois, para o conforto da minoria, todos devem ficar exatamente no lugar para o qual foram destinados. Mas no mundo das mães é diferente, o sofrimento de uma é a dor de todas.

Daniela Arbex é Jornalista e escritora

Transcrito da Tribuna de Minas

*Discutir com amigos: O
acautelamento enquanto processo
de educação e de inclusão social*





A humanização e a desumanização do trabalho (1ª parte)

Ivonil Parraz*

Ao contrário do proposto no livro do Gênesis - no qual o trabalho visa o descanso e, neste, o trabalhador contempla a sua obra e se encontra consigo mesmo a partir sobretudo da revolução tecnológica, o trabalho tende à desumanização. Diante dessa configuração, como propor uma espiritualidade do trabalho? De quem o trabalhador pode encontrar a fonte de libertação, o rosto de um Deus Amor?

O trabalho atual requer a subjetividade do trabalhador, o que leva a crer que haja certa liberdade do operário em seu trabalho. O trabalho tende cada vez mais a exigir invenção, conhecimento, imaginação. A interação homem-máquina se faz necessária. Mas essa autonomia do operário pode ser traduzida como efetiva humanização do

ser humano pelo trabalho? A Carta Encíclica *Laborem Exercens* (LE) do papa João Paulo II auxilia-nos a pensar num trabalho de caráter social. À luz da dimensão social do trabalho, ousamos:

1) mostrar a desumanização do trabalho atual;

2) refletir sobre uma possível espiritualidade do trabalho

1. A NOVA CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO

Assiste-se, nas últimas décadas, a nova revolução no processo de produção: a tecnológica. Ela incita nova configuração no trabalho. Na sociedade industrial – fordista, anterior à revolução tecnológica o trabalho – o trabalho dispensava o conhecimento do trabalhador.

As tarefas eram rotineiras, repetitivas e programadas para que as máqui-





nas as executassem (SANSON, 2010, p. 31). Não havia enriquecimento algum na relação homem-máquina. Na atual revolução pós-fordista ou pós-industrial, com a introdução das tecnologias da informação, crê-se na valorização do trabalho, assentado sobre o conhecimento, a comunicação e a cooperação. São esses os recursos imateriais que o atual processo produtivo requer. Ele constitui o centro da organização do trabalho. Exige-se a interação do trabalhador com a máquina, superando, assim, a subordinação daquele a esta, prática comum na revolução anterior.

No processo tecnológico de produção, “o conhecimento torna-se um recurso e um produto” (SANSON, 2010, p. 32).

O trabalhador deve incorporar todo o seu conhecimento no processo produtivo. Há uma relação de flexibilidade entre o trabalhador e a máquina. O software, da máquina está aberto às alterações do operador. Exige-se do trabalhador a capacidade de interpretá-lo e, conforme o desempenho produtivo, reprogramar a máquina.

A interação entre trabalhador e máquina permite àquele acumular mais conhecimento, o qual, por sua vez, será disponibilizado na produção. O conhecimento do trabalhador, acumulado graças ao trabalho, deve ser aplicado na produção. Atualmente se questiona se de fato o ser humano comanda os softwares ou se já é comandado por eles, uma vez que tem de se

submeter ao que os sistemas informáticos programados exigem. Questiona-se também se a sociedade em rede de fato nos liberta ou nos aprisiona, ao possibilitar o controle e a criação de índices sobre o que fazemos, compramos ou acessamos via internet para o mercado usar esses dados pensando no lucro. Diminui a crença de que a internet e as novas tecnologias da comunicação nos tomam livres, uma vez que por elas somos vigiados e o uso que delas fazemos e cada vez mais direcionado por grandes corporações (KATZ; GREINER, 2015, p. 339-355).

Pretende-se que o sujeito do trabalho, na chamada era do conhecimento, enriqueça o trabalho. Para Sanson, o trabalho, no atual processo de produção, configura-se como imaterial, uma vez que seus recursos são imateriais, embora grande parte dos trabalhadores continue no trabalho material e braçal. O regime da revolução tecnológica caracteriza-se pela invenção, pois a lógica que o norteia é a da inovação. Ora, para que isso se concretize, toma-se imprescindível apoderar-se do saber e do conhecimento e criar condições para que todos e não apenas alguns tenham acesso a eles.

O trabalho imaterial, na expressão de Sanson, não se alimenta somente do conhecimento adquirido e acumulado no trabalho, mas também se nutre do conhecimento externo: o conhecimento obtido pelo trabalhador em sua vida cotidiana, na ordem do vivido, é incorporado





ao processo de produção (SANSON, 2010, p. 36). Há, portanto, um elemento novo em relação à sociedade industrial.

2. A SUBJETIVIDADE DO TRABALHADOR

O grande valor que se atribui ao trabalho num formato de produção imaterial repousa na criatividade, na sensibilidade, na comunicação, na capacidade de conhecer e produzir conhecimento. Com efeito o que a sociedade pós-industrial requer, ao contrário da sociedade industrial é a subjetividade do sujeito do trabalho. Esta se torna necessária uma vez que a produção passa a depender mais da dimensão intelectual.

Enquanto na sociedade industrial predominava o emprego do corpo no trabalho, agora é a vez da alma, pois tanto o conhecimento extra (fora do trabalho) quanto o intra (no trabalho) são empregados no processo de produção imaterial. Mas para que a empresa assegure o senhorio sobre a alma do operário, não basta que ele entregue, pelo salário, o seu saber. Juntamente com seu conhecimento, o operário deve assumir, voluntariamente, os preceitos da empresa. É estimulado a ‘vestir a camisa’ da empresa como se fosse sua. Tudo o que diz respeito a ela lhe diz também respeito. O pobre assalariado se responsabiliza pela empresa. Com efeito, o trabalho o acompanha sempre, quer na fábrica, quer fora dela. Ele se adere de tal modo ao sujeito, que este não encontra meios de separar-se. Sua vida torna-se o seu trabalho.

A empresa passa a se incorporar na vida do operário. O que tem de melhor, energia e capacidade intelectual, é dedicado a ela. O trabalhador transforma-se em colaborador: sente-se sócio (SANSON, 2010, p. 53). Essa estratégia de domínio da empresa sobre o operário tem um objetivo específico: fazê-lo acreditar que possui autonomia. Ao trabalhador dá-se certa liberdade de inventar, de aplicar seu conhecimento, sua imaginação. Ele sente-se responsável por aquilo que produz e, ao mesmo tempo, também pela empresa, uma vez que é sócio.

Ilusória autonomia, pois a empresa visa não a liberdade do trabalhador, mas ao aumento da produtividade. Este é o seu fim último. Para isso se equipa com todos os instrumentos de domínio: concede autonomia ao trabalhador e trata-o como colaborador ou sócio, quando na realidade, não passa de mero instrumento de exploração para que ela atinja seus objetivos.

Para que o operário interiorize os preceitos da empresa e a incorpore, ou seja, para que se torne escravo voluntariamente, é imprescindível desenvolver todo um aparato de controle. Torna-se indispensável vigiar o trabalhador.

Continua na próxima edição

*Ivonil Parraz é Vigário Paroquial
em Botucatu(SP) Doutor
em Filosofia pela USP.*

Extraído da Vida Pastoral 305





A quarta revolução industrial

Ronaldo Lemos*



Boa leitura para começar 2016: o livro “The Fourth Industrial Revolution” (a quarta revolução industrial), do alemão Klaus Schwab. Economista e engenheiro, ele é conhecido mesmo por ser o diretor do Fórum Econômico Mundial, baseado em Genebra.

Para escrever o livro ele consultou boa parte da poderosa rede de conexões do Fórum e fez um apinhado das transformações estruturais que seus integrantes esperam ver nos próximos anos.

Schwab advoga que a palavra “revolução” é apropriada. O termo denota mudanças abruptas e radicais, como aquelas geradas pela invenção da agricultura ou do motor a vapor. Só que a “quarta revolução industrial” tende a ser ainda mais profunda. Há ondas vindo de vários lugares e simultaneamente: nanotecnologia, energia renovável, engenharia genética, computação quântica etc. Antes eram necessárias décadas para que uma transfor-

mação desse calibre se espalhasse.

Hoje, não mais.

O livro aponta três elementos propulsores: fatores físicos, digitais e biológicos. Dentre os físicos, vale destacar o desenvolvimento de novos materiais como o grafeno. Ele é 200 vezes mais resistente que o aço e um milhão de vezes mais fino que um fio de cabelo. Quando seu preço cair (hoje é um dos materiais mais caros do planeta), mudará a indústria e a infraestrutura.

Os fatores digitais são mais perceptíveis. Em poucos anos os celulares conectados à internet provocaram uma reorganização de diversos





aspectos da vida, como o transporte urbano. E isso é só o começo.

Já as transformações no campo da biotecnologia são mais difíceis de visualizar. No entanto, são aquelas cujo potencial transformador é mais radical (e preocupante). Por exemplo, foi preciso esperar dez anos para terminar o sequenciamento do genoma humano, ao custo de US\$ 2,7 bilhões. Hoje, o sequenciamento genético de um organismo pode ser feito em menos de um dia e a um custo de menos de US\$ 1.000.

O próximo passo, no entanto, é a biologia sintética, com a evolução de técnicas como a chamada CRISPR/Cas9, que permitem “editar” o código genético de um ser vivo (incluindo o nosso). Com isso, será possível erradicar doenças e até mesmo retardar o envelhecimento, de acordo com os mais otimistas.

Tudo isso traz questões éticas difíceis. Aperfeiçoar a democracia e

os modelos de tomada de decisão para acompanhar esses desafios torna-se uma tarefa crucial nesse contexto. Mais do que nunca, os países que quiserem se desenvolver, como o Brasil, precisarão criar normas que sejam amigáveis à inovação, tema hoje relegado a segundo plano no país.

Entre nós acontece um triste fenômeno: somos ávidos consumidores de tecnologia, mas medíocres produtores. Enquanto ciência, tecnologia e inovação não se tornarem fatores para a promoção do desenvolvimento do país, aqui e agora, ficaremos para trás da quarta e de qualquer outra revolução industrial vindoura.

Ronaldo Lemos é advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITSrio.org). Mestre em direito por Harvard e doutor em direito pela USP. Pesquisador e representante do MIT Media Lab no Brasil

Transcrito da Folha de S.Paulo





*Maria Clara Lucchetti Bingemer**

O dia foi de turismo com amigos de fora. E não podia faltar – a indefectível subida ao Pão de Açúcar. Dia lindo, de sol e muito calor, cheio de gente na fila para o bondinho. Pagamos ao taxista e descemos rápido para pegar menos fila e eis que ao chegar no topo meu marido descobre haver esquecido no táxi uma pasta com livros, óculos e outros objetos.

Ao descer. Perguntamos se alguém havia entregue na administração uma pasta, mas diante a resposta negativa fomos comer alguma coisa. Ao chegar em casa, ali estava a pasta. O taxista que nos buscou na porta de casa percebeu o esquecimento, lembrou do endereço e a devolveu. Para tal certamente teve que sair do seu caminho, perder corridas, desviar, chegar mais tarde em casa...

Anônimo, desconhecido, não temos como agradecer-lhe. Como se

chama? Onde mora? Não sabemos. Sabemos, no entanto melhor dito experimentamos – que ele fez nosso final de ano mais bonito, instaurando entre nós o reino da gratuidade. No tempo de comercialização de tudo, do individualismo exacerbado, de tantas desgraças, eis que a graça bate à nossa porta de forma discreta, amável sob a forma da gratuidade e suscitando como única resposta possível a ação de graças.

A gratuidade anda escassa em nosso meio. Acreditamos que tudo tem sempre que dar resultado. Para ganhar um certificado, fazemos um curso: se nos pagarem, fazemos um serviço extra; se pessoas consideradas importantes estão presentes, concordamos em fazer a palestra. Vivemos sempre perseguindo resultados e descartando o verdadeiro sentido das coisas.

E isso nos afasta de maneira irremissível da economia da fé, de Deus e da salvação. Se todo verdadeiro encontro é feito de gratuidade, o encontro com Deus é pura





gratuidade, como também tudo o que ele dá. Se preciso, peço: se recebo, agradeço; se estou alegre, festejo; se estou triste, choro. Não preciso dar nada em troca, só preciso querer viver este momento. Quero rezar, então rezo; quero falar, então falo; quero calar, então calo. Para o encontro com Deus não preciso pagar passagem, não preciso aguardar na fila, não preciso me enfeitar, só preciso me abrir a Ele. Então entenderei a gratuidade de Deus. A palavra cobrança não existe em seu dicionário. Deus vai te cobrar um termo humano e não divino. Deus chama, atrai, oferece e respeita a vontade de todos.

A salvação é de graça, não é comprada, nem conquistada. Assim, tudo que vem de Deus também é de graça. Deus não nos deve nada e não devemos nada a Ele, nem mesmo nossa vida, porque ela nos foi dada de graça, ela é uma dádiva e não um empréstimo,

Essa gratuidade que rege a vida de fé igualmente inspira gestos gratuitos e desinteressados. Assim como o gesto do taxista que saiu de seus cuidados e de seu cotidiano para devolver um objeto que faria falta ao dono. Nem havia nada de valor dentro daquela pasta. Mas sim livros lidos com carinho, óculos de estimação, recortes de jornal catalogados... coisas não importantes nem necessárias, talvez, mas enormemente queridas por quem as juntou e as carregou naquela pasta finalmente resgatada pela gratuidade.

A gratuidade é filha do desejo e não da necessidade. Brota da liberdade e não do cálculo e da cobrança. Não exige retomo, reconhecimento. gratidão explícita. Pode até apreciar essas atitudes quando acontecem, mas não deixará de realizar aquilo que sente que fará feliz o outro por não obter retorno afetivo ou psicológico.

Filha da ética, é esposa da mística. Não pode produzir-se a si mesma, fabricar-se, inventar-se. Recebe-se e agradece, louva pelo dom e se dá também. Seu ambiente é o afeto desabrochado ou desabrochante e seus frutos são a alegria e a ação de graças. Expressa-se em gesto simples e cotidianos, sem ser habituada às estridências de sucessos e êxitos ribombantes e reconhecíveis a olho nu.

Por isso desconcerta, espanta, deixa perplexo. Diante da gratuidade, do gesto gratuito e inesperado o sentimento é de surpresa. Surpresa por contemplar algo tão inabitual, tão em desuso em nossa vida de cada dia. A gratuidade não é retributiva nem simétrica. Mas restaurativa e configurada segundo a assimetria do espontâneo e do afetivo. Assim, são suas filhas: a gentileza, a bondade, a amabilidade, a consideração e o respeito.

Diante de toda essa revelação resultante de uma pasta perdida e re-encontrada, a quem agradecer? Ao meu irmão taxista, certamente, do qual não sei sequer o nome. Mas, sobretudo, Àquele que é a fonte da





Graça que dá origem a essa gratuidade e a tantas outras. Místicos de várias escolas, na maturidade de sua vida espiritual, chegaram à conclusão convergente de que “tudo é graça”. Ora, se tudo é graça, tudo só pode ser “ação de graças”. Agradecemos pois. Quanto mais não seja porque vivemos um novo ano. Há muitos e muitas que não chegaram a fazê-lo. Agradecer essa graciosa

responsabilidade de estar vivos aqui e agora é o que de melhor podemos fazer, sem dúvida.

Maria Clara Lucchetti Bingemer é Professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Autora, entre outros livros, de Teoria e Literatura – Afinidades e segredos compartilhados”

Transcrito do Boletim Rede

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



***O amor é a energia da
inclusão ilimitada***





A VERGONHA E O TERROR

Contardo Calligaris

Em 1992, na votação do impeachment de Collor, suspendi o consultório e me instalei na frente da televisão. Na minha lembrança, os pronunciamentos dos deputados de 1992 não foram muito melhores, mas dava para tolerar tudo porque o espírito era diferente: havia no ar um gosto de liberdade conquistada.

Hoje, penso assim: caso uma votação desse tipo volte a acontecer, peço encarecidamente que o regulamento da Câmara exija o voto sem pronunciamento: o deputado leu o relatório da Comissão Especial de impeachment, formou sua opinião e anuncia: “voto sim” ou “voto não”. Pronto.

Desta vez, só se salvou da depressão quem passou a tarde nas concentrações: exultaram ou choraram, mas pela boa razão que ganharam ou perderam. Para os que encararam o espetáculo da votação

na televisão, sobrou uma depressão que ainda dura, tanto nos que perderam quanto nos que eram a favor do sim. É uma sensação de desamparo absoluto: duvidando de quem nos governa, recorremos a quem nos representa. E, diante da tela de TV, surgiu a pergunta: são estes, então, que nos representam?

O UOL fez a conta: dos 367 sim, apenas 16 falaram dos crimes que o voto deles queria castigar. O resto invocou sua família, seu quintal eleitoral, a netinha que fazia aniversário, os filhos dormindo, o velho pai, deus, deus de novo (outro ou o mesmo, tanto faz), posicionou-se contra a proposta de que crianças troquem de sexo, pelos moradores de rua ou por você mamãe.

Em sua grandíssima maioria, os representantes invocavam seus afetos familiares e sua escolha religiosa na hora de cumprir seu dever republicano. Essa confusão do privado com o público é a própria praga que alimenta a corrupção: a vida pública





é parasitada por afetos privados que nem precisam ser escusos porque, “afinal”, a família é o que mais importa aos “homens de bem”. Não é?

Tudo isso era triste. E chegou a vez do deputado Jair Bolsonaro, que disse: “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff”.

Ustra foi chefe do DOI-CODI de 1970 a 1974. Agitando o espantinho de um sociopata torturador, Bolsonaro quis apavorar Dilma Rousseff, a torturada que resistiu à tortura.

Bolsonaro se confundiu. O grito do torturado já vale mais do que a palavra e o ato de qualquer torturador. E o silêncio do torturado é a vitória final sobre o torturador. Ustra não é o pavor de Dilma. Dilma é o pavor de Ustra.

Bolsonaro deve ter pensado que um bom número de deputados achariam graça. A única reação será a de Jean Wyllys? Noemi Jaffe tuitou: Bolsonaro homenagear Ustra é como um neonazista homenagear Mengele, que torturou minha mãe.

No domingo, consternado pela explosão de afetos privados dos deputados, eu era indeciso entre a decepção com os anos de PT e a perplexidade diante do que seria, como disse o ministro Barroso, a “alternativa”.

Não mudou nada. Mas sei reconhecer o fascismo quando ele tenta falar alto. E essa é uma feiura contra

a qual, desde pequeno, aprendi que é preciso resistir.

Em 1947, Albert Kesselring, comandante das forças nazistas de ocupação na Itália, foi condenado à morte por crimes de guerra. A sentença foi transformada em prisão perpétua. Em 1952, Kesselring, doente, saiu da prisão. Foi celebrado como herói pelos neonazistas e declarou que ele tinha sido tão bom com os italianos que eles deveriam lhe erigir um monumento.

Piero Calamandrei, resistente, jurista, escritor, um dos fundadores do Partido de Ação (não comunista), escreveu um poema, que dedico agora a Bolsonaro:

“Você o terá, camarada Kesselring, / o monumento que você pede de nós, italianos. / Mas com qual material será construído, / isso a gente decidirá. / Não será com as pedras chamuscadas / das aldeias que foram supliciadas por teus exterminadores. / Não será com a terra dos cemitérios / onde nossos jovens companheiros / descansam serenos. / Não será com a neve inviolada das montanhas / que durante dois invernos te desafiaram. / Não será com a primavera destes vales / que te viram fugir. / Mas será com o silêncio dos torturados, / mais duro que qualquer pedregulho; / será com a rocha deste pacto / jurado entre homens livres / que voluntários se reuniram, / por dignidade e não por ódio, / decididos a redimir a vergonha e o terror do mundo.”

Transcrito da Folha de São Paulo





AVE MARIA MÃE SANTA DE JESUS!

*Itamar Bonfatti**

Como se sabe os relatos do Novo Testamento - repetindo a cultura de um tempo - foram elaborados por uma sociedade onde apenas o masculino era considerado. Daí que na genealogia de Jesus - citadas apenas como apêndices em Mt.1,16 - somente Rute, Tamar, Raab e Maria. Como se sabe falar ou anunciar a descendência era importantíssimo na cultura judaica! Aliás, naquele Evangelho está bem claro expressando um tempo: o GERAR ERA ATO EXCLUSIVO DO MASCULINO! Assim numa feira longa consta no início do cap.1 dito acima: "Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó, Jacó gerou Judá"... e terminando "Matã gerou Jacó, Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus". Em Lucas, Maria ficou evidenciada no cap.1,26-57 enquanto Marcos não se preocupou muito com a mãe de Jesus. João por sua vez a colocou

em duas situações: naquela festa de casamento em Caná (Jo.2,1) assim como citou nominalmente a sua presença durante agonia e morte do filho. (Jo.19,25-19).

Mateus bem diferente, muito genericamente, comenta a presença feminina naquela cena trágica do Gólgota. Lá o evangelista disse simplesmente que um "grande número de mulheres estava ali observando de longe" (Mt.27,55). Também sem explicitar o nome da mãe de Jesus na agonia do seu filho lê-se o mesmo em Mc.15,41, omissão repetida também em Lc.23,49. Colocando o bom senso à luz do séc. XXI podemos deduzir que ela deve ter estado presente assistindo no meio do "grande número de mulheres" acima referido. Naturalmente impactada vendo o filho sendo humilhado, torturado, depois agônico e morto!

Maria deve ter sido eleitora – Por que não deduzir isso? – quando os





apóstolos escolheram Matias para substituir Judas que havia se suicidado. Embora não citada nominalmente não estaria ela e outras mulheres presentes também naquela última CEIA PASCAL de Jesus com os apóstolos? E quem sabe da mesma forma presente naquele momento tão importante que foi para a Igreja – embora não explicitado em Atos 2 – como foi o instante PENTECOSTES? Tudo nos leva a crer que não citação foi culpa do masculino de época!

A cada tempo teremos de fazer – também com leituras outras – um enfoque diferente quando temos a MÃE de JESUS como intercessora nossa. Felizmente num constante e crescente TEÓLOGAS estão agora olhando melhor o feminino de MARIA, fato que até pouco tempo era feito apenas pelo olhar masculino dos TEÓLOGOS. Isto vêm aí mudando o ângulo de leituras da MARIOLOGIA. Vejamos.

A VIRGINDADE da mãe de Jesus foi muito valorada pelos teólogos, mas eles pouco refletiram no passado – como era de se esperar considerando o tempo – sobre a SEXUALIDADE da mulher na IGREJA. De

fato seria exigir muito deles! Outra: ao se falar em sua MATERNIDADE pouco se aprofundou a respeito do que hoje é ser verdadeiramente MULHER, fato que não está apenas na geração de um filho. SER MULHER na ótica do agora e no avançar da ciência é algo que precede em muito o GERAR! Há mais dois pontos para se ampliar hoje na reflexão feminina sobre a mãe de Jesus: na leitura masculina de ontem insistiu-se muito na imagem de MARIA como mulher obediente, passiva e submissa.

Passado houve quando isso era natural, mas à luz do agora tais comportamentos não são propriamente virtudes! Mais uma coisa: de forma acanhada apresentou-se MARIA como um modelo a ser imitado, mas que jamais seria alcançado! Observemos sempre e cada vez mais – por isso com esperança – as novas reflexões MARIOLÓGICAS no FEMININO dentro do hoje. Sem diminuir as reflexões antes feitas dos TEÓLOGOS atentemos agora para a leitura das TEÓLOGAS.

**Itamar Bonfatti - MFC Juiz de Fora*

Mesmo os eventos mais dolorosos e aparentemente sem sentido podem ser considerados grãos para o moinho da edificação do espírito e da cura profunda





Com quantas condenações se faz um preso?

*Marco Aurélio Lyrio Reis**

Se eu não tenho qualquer razão para acreditar cegamente em um juiz, teria alguma razão para acreditar cegamente em três juízes, em cinco juízes ou em 11 juízes? Se eu não acredito cegamente em um juiz, reunidos eles me farão pirrônico ou crédulo? A presunção de inocência é dogma. Como preceito constitucional, deve ser levada às últimas consequências. E quais seriam as últimas consequências? Quando deve estar completa a garantia de ampla defesa para afastar da prisão a intimidade com o fascismo ou com o nazismo? Uma instância? Duas instâncias? Quatro instâncias?

Ao ser condenado aqui no Brasil, o agente já teve sua conduta examinada em cinco etapas. Na primeira, é investigado pela Polícia, que, no inquérito, pode sugerir o arquivamento ou o indiciamento; na segunda, o Ministério Público examina os autos e opina pelo arquivamento ou ofere-

cimento da denúncia; na terceira, o juiz aprecia a manifestação do MP e decide pelo arquivamento ou recebe a denúncia; na quarta, se o processo se instaura dele advém absolvição ou condenação; na quinta, um colegiado superior aprecia a apelação e a acolhe ou não. Até aqui, foram cinco manifestações e duas instâncias pela condenação. Não seriam suficientes para suportar o mandado de prisão e autorizar execução provisória?

Tudo é decidido em convenções. Estados Unidos e França, sem ranço nazista ou fascista, admitem a prisão já decorrente da primeira condenação. Nosso sistema processual, indubitavelmente, facilita a impunidade e premia os poderosos delinquentes do colarinho branco. Luiz Estevão, senador cassado e condenado a 31 anos de prisão no escândalo que envolveu o juiz Lalau, até hoje, se encontra em liberdade, graças aos 30 recursos impetrados e rechaçados. São réus desse naipe, com sua dinheirama, que eternizam os processos se ficam protegidos pela exi-





gência do trânsito em julgado, que, na maioria das vezes, só vem depois da prescrição, mantendo acesa a fogueira da impunidade.

Honorários advocatícios pagos na “Lava jato” dariam para comprar metade do time do Barcelona ou acabar com a fome de três gerações de haitianos. A praga se combate quando surge. O STF modifica o procedimento penal para dar efetivo combate a específicas e complexas condutas delituosas próprias de refinados marginais. A presunção de inocência é “quebrada” após

condenação em primeira instância e depois confirmada em segunda instância, transformando-se em presunção de culpabilidade. Instâncias, antes de passagem - juiz singular e Tribunal de Justiça -, ficam prestigiadas, e a impunidade sofre um golpe mortal. O condenado continua com o seu direito de recorrer, mas os recursos procrastinatórios em nada o favorecerão.

* Marco Aurélio Lyrio Reis é
Juiz de Direito Aposentado

Transcrito da Tribuna de Minas

Paz e Luz

*Num tempo de tantas guerras, lutas por territórios, violência, dor... devemos unir nossas mentes e corações para uma caminhada universal pela paz... sem es-
treitar nossos passos a sectarismos, de qualquer origem...*

*Será necessário, acima de tudo, elevar nossos corações ao mais Alto, beber da água pura, agradecendo a dádiva da vida, que é maior do que qual-
quer sinal de morte...*

*O amor deve ser o alimento de cada palavra proferida. Sintonizando a ca-
minhada na frequência de irmandade universal que rege todos os seres. Neste
semblante benfazejo, se descortinará a ilusão da dor e do medo, seremos um,
trabalhando conjuntos, ouvindo a música alvissareira das montanhas.*

*É de lá que ecoa a vibração de luz, capaz de alterar a direção do cami-
nho. Que nestes dias de mar revolto tenhamos a necessária tranquilidade
para escutar o chamado do amor, emergindo do coração de Deus...*

*Saibamos oferecer nossas gestas como sinal de entrega plena ao mais
próximo dos próximos, no presente revelado pelo serviço aos irmãos e irmãs.*



Paz e luz
Namastê
Jorge leão





COMPREENSÃO E ACOLHIMENTO



Estas são as palavras que traduzem o posicionamento evangélico do Papa Francisco. Em um de seus últimos textos, “O nome de Deus é misericórdia” (2016), o Papa nos inspira a superação de posturas excludentes, até então admitidas sob a ótica do julgamento doutrinário.

Assim, afirma Francisco que: “a Igreja não está no mundo para condenar, mas para permitir o encontro com aquele amor visceral que é a misericórdia de Deus. Para que isso aconteça, (...) é necessário sair. Sair das igrejas e das paróquias, sair e ir procurar as pessoas lá onde elas vivem, onde sofrem, onde esperam.” (Francisco, 2016, p. 86).

Sair de nosso lugar comum, do comodismo excludente que nos aprisiona, eis o desafio proposto. É isso, em síntese, o que nos admoesta o Papa em seu livro. Faz-se urgente uma mudança radical em nosso modo de relacionar-se com o outro. Precisamos aprender a refazer uma história marcada pela negação da alteridade.

Jesus, narrado segundo Mateus (23, 25-28), precisou colocar o fari-

saísmo em xeque, a fim de colocar a pessoa humana em primeiro lugar. Precisamos deixar cair as máscaras da hipocrisia e da prepotência. É a pessoa humana que tem prioridade diante das leis e das instituições religiosas. Estas, por sua vez, deveriam ajudar a uma existência de acolhimento e ajuda mútua.

Acima de qualquer dogma, o caminho apontado por Jesus é: Ser misericordioso, porquanto somos necessitados de compreensão e acolhida (Ver João 8, 1-11). Não somos infalíveis para mover condenação ou culpa a quem quer que seja. Todavia, as instituições religiosas, em muitas ocasiões, acabam por dificultar a plena expressão da liberdade humana no mundo, quando tenta impor um conceito de “verdade” asfixiante e opressor, a ponto de esquecer de auxiliar o ser humano a encontrar o seu caminho existencial, político, religioso e cultural. As pedras para apedrejar fascinam mais rápido que o perdão para acolher...

Quando alguém julga o outro, antes de conhecê-lo em seu conjunto de valores, afetos, crenças e pontos de vista (ainda que de forma





parcial e inconclusa, pois ninguém conhece o outro em sua inteireza), ocorre o bloqueio para o encontro com a misericórdia nos caminhos da vida, repletos de desafios e conflitos. Somos, no dizer de Francisco, “destinatários do infinito amor de Deus” (2016, p. 96). Por isso, não nos compete julgar nem eleger quem entra ou sai da Igreja (no sentido de espaço de comunidade viva que partilha), por simples questão de não simpatizar com a aparência, o pensamento ou as crenças do outro.

Se esse fosse o critério para a convivência humana, acabaríamos tolhidos de nossa liberdade, sem condições de expressar aos outros o que de fato somos, sentimos e pensamos. Se todo pássaro fosse beija-flor, sabiá, garça ou pardal (e tantos milhares de outros) seriam excluídos da condição de ser pássaro. Se toda flor fosse orquídea, o que seriam das margaridas?

Desse modo, e seguindo os passos do Mestre de Nazaré, devemos agora abrir o nosso coração para a vivência do acolhimento e da convivência fraterna, superando posturas inflexíveis e condenatórias. Somos diversos, e dentro desta possibilidade, devemos nos aproximar uns dos outros movidos pelo amor, que tudo aproxima e constrói, superando o julgamento discriminatório, que exclui e condena. Quem sou eu para julgar o outro, simplesmente por não se enquadrar em minhas crenças, verdades e concepções?

Estamos todos em processo de

construção e crescimento contínuos, devendo estar sempre abertos a ampliar nossas atitudes rumo ao amor, que nos inspira a partilhar e acolher o outro como outro, não como uma projeção de mim mesmo. Não deixemos, pois, a atitude de nos permitir superar os muros e as fronteiras que nos mantêm presos ao preconceito condenatório.

Em tempos de ódio e fundamentalismos (religioso, étnico, sexual, político-ideológico), precisamos construir espaços de convivência fraterna, no intuito de buscar caminhos para a irmandade universal. Se a Igreja não se abre para a acolhida do outro, sem preconceitos e discriminação de qualquer ordem, ela não se renova. Permanece enrijecida em suas posturas muitas vezes marcadas pela idealização de uma realidade que não se faz histórica.

Demos os braços a Francisco. E que, à luz do Evangelho de Jesus, que está para além de qualquer instituição ou documento eclesástico, possamos ser mais humanos, menos autoritários, mais gente, e menos juizes.

Muita paz e luz!

Namastê!

Jorge Leão é Membro do Movimento Familiar Cristão, em São Luís – MA.

Vale a pena refletir: Diante de tantos preconceitos e fundamentalismos é possível a construção de convivência social fraterna em sociedade e na política?





DEUS E A NOSSA CONDIÇÃO HUMANA

Laércio J. Bruni*

A diferença não está entre quem é religioso e quem não é. A diferença está entre quem pensa e quem não pensa, (autor desconhecido)

“A religião nasce do entrelaçamento assimétrico da maravilha e da dor que a superioridade da vida provoca nos seres humanos” (Vito Mancuso)

“Quem pretende descobrir Deus deve abrir os olhos para ver, deve ouvir o que se ouve, deve tocar o que se pode tocar, pois Deus não se manifesta no abstrato, mas nos acontecimentos concretos” . (Ronald J. Blank)

“Somos religiosos, ligados a Deus, na medida em que levamos a sério esta vida presente”. (autor desconhecido)

O que segue é complementação de artigo anterior com o título “DEUS... QUE DEUS ?” (Fato e Razão, n.93, pág.14) na parte em que aí se apontava como se deve cultuar a Deus através da admiração frente à vida, à natureza e ao

cosmos. Cosmos, palavra de origem grega, indica o universo inteiro, ordenado por suas leis próprias, que regem tudo o que existe, inclusive o ser humano. Sem dúvida, tais leis foram estabelecidas por Deus. É o que intuiu o matemático grego, Euclides





(séc. III a.C.) que nos ensina: “As leis da natureza não passam de raciocínios matemáticos de Deus”.

Stendhal - Hertri Beyle (+ 1842) completa o pensamento de Euclides: “a matemática não tem espaço para imprecisão e hipocrisia”. Conclui-se que não há razão para Deus alterar ou abolir tais leis que, por sua origem, são divinas e adequadas a natureza de cada ser existente. Quando se tem olhos para ver não podemos senão acatar tais leis, sem querer utopicamente alterá-las ou aboli-las. Nossas orações de petição precisam levar isto em conta. Não há como forçar Deus a renegar leis que ele mesmo estabeleceu.

A oração de petição não passa de expressão de desejos que influenciam positivamente a mente humana para busca de solução para seus problemas com ou sem êxito.. Não sou entendido no assunto, mas cientistas que estudam a física nos asseguram que tudo o que emitimos para o universo, recebemos de volta. Talvez a explicação esteja por aí. Li que um geriatra não se nega a dizer todas as verdades a seus clientes.

Assim é que ele dá abertamente seus conselhos, como: a resistência em aceitar as leis da natureza só faz aumentar seus sofrimentos; a causa do sofrimento está no apego, querendo que dure para sempre o que não foi feito para durar; a sabedoria consiste em aceitar os nossos limites; se você for rico por dentro, precisa ter pouco fora; envelhecer e morrer são processos naturais. Es-

tamos diante da lei mais justa por não poupar ninguém. Falamos da segunda lei da termodinâmica, conhecida também como lei da entropia que assim determina: a energia de um corpo tende a se degenerar e com isso a desordem do sistema aumenta.

Dizia Freud: “a morte é o alvo de tudo o que vive”. Portanto, o conselho final do geriatra é este: “Viva. Faça apenas isto.”

Assim como há uma cultura sem religião, há também uma religião sem cultura. Esta última imagina, fala, reza e acredita piamente num deus humano, excessivamente humano. Esse deus da tradição, aquele que estava à frente dos exércitos, tanto os do Antigo Testamento como o que protegia as Cruzadas e a Inquisição, “o deus que guiava os destinos dos povos para a plena submissão a Igreja de Roma”, conforme acreditava Santo Agostinho... esse deus não deveria nunca mais voltar.

Não há possibilidade de se poder mudar as leis divinas. Aristóteles escreveu que “Os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da maravilha”. Maravilha quer dizer atração, fascínio, deslumbramento diante de todo o criado de Deus. Albert Einstein retoma esta mesma ideia para afirmar a existência de Deus e o princípio de toda religiosidade. Religiosidade, espiritualidade são decorrências do filosofar, de pensar e de se admirar diante do espetáculo que





Deus nos proporciona com todo o universo.

Einstein, que se confessa fascinado por sua condição humana, que diz não se cansar de contemplar a eternidade da vida, que afirma ter “intuição da extraordinária construção do ser”, se confessa profundamente religioso pelas seguintes razões: a religião “é a realidade secreta do mistério... Homens então reconhecem as manifestações desta ordem suprema e de beleza inalterável. Homens se confessam limitados e seu espírito não pode apreender esta perfeição...E este conhecimento e essa confissão tomam o nome de religião”. Continua ele: “A religião moral predomina onde a vida social atinge um nível superior. O mais alto nível eu chamo de ‘religião cósmica’. Dela não posso falar com facilidade porque é uma noção muito nova, à qual não corresponde conceito algum de um Deus antropomórfico”. Em seu livro “Como Vejo o Mundo”, Einstein é categórico: “se se separa o judaísmo dos profetas, e o cristianismo tal como foi ensinado por Jesus Cristo, sem os acréscimos posteriores, em particular aqueles dos padres, subsiste uma doutrina capaz de curar a humanidade de todas as moléstias sociais”. Como Einstein, os maiores pensadores de todos os tempos foram crentes. A Einstein faz eco o físico alemão Max Plank: “Ciência e religião não estão em oposição, mas uma precisa da outra para se completar na mente de cada homem que reflete seriamente. Não é certamente por acaso que exa-

tamente os maiores pensadores de todos os tempos também foram profundamente religiosos...”

Acredito que isto acontece porque a religião mexe com nossa mente, que busca desvendar o mistério da vida. Este mistério, escreve Einstein, “me causa a maior emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram”.

Este escrito, tenho consciência, pode mexer com a cabeça de cristãos que tiveram uma catequese deficiente e só ouvem falar de cristianismo nos sermões das missas dominicais. Trêmulos, poderão pensar: “E a Divina Providência? Deus não é Pai? Jesus não fundou uma igreja que nos ensina toda a doutrina que ele pregou? Ele não nos assegurou que estaria sempre ao nosso lado e nos protegeria? Mil e uma perguntas. Que dizer? De um modo geral, podemos dizer com segurança que não se deve tomar falas de Jesus ao pé da letra. Ele foi um bom judeu, religioso que frequentava o templo e a sinagoga e nada indica que queria fundar uma igreja. Como bom judeu usava de hipérboles, exageros, imprimindo muita ênfase ao que dizia, como por exemplo: “ Quanto a vós, até mesmo os cabelos todos da cabeça estão contados” e nenhum pardal morre “sem a vontade do Pai” (Mat. 10, 29-31). Nunca soube de algum





cristão, mesmo santo, que se mutilou, arrancando um olho ou cortando a perna ou mão, se olho, mão ou perna o levam ao escândalo (Mc 9, 43). Concluo citando Vito Mancuso que, em seu livro EU E DEUS (Paulinas, São Paulo. 2014), escreve: “ Quem pode olhar o mundo e sustentar com veracidade e honestidade intelectual a ideia de um governo providente e justo sobre os indivíduos humanos por parte de Deus, inclusive o cuidado com os seus cabelos...? A qualidade de religião que vai se difundindo não é capaz de interpretar o mundo real e, por isso, não sabe produzir cultu-

ra. Cultura não no sentido de erudição, mas como visão do mundo real sob forma de filosofia, música, arte, literatura; cultura como visão e sentimento da natureza e da história, em condições de conciliar o saber e o crer, de fundar o crer sobre o saber e o saber sobre o crer!”.

Desejemos ardentemente também nós o que queremos, como o cego que à pergunta de Jesus “Que queres que eu te faça?”, respondeu:

“Que eu veja!”

**Laércio J. Bruni é Coordenador do Estado do Rio de Janeiro*

Tende bom ânimo

*Ao acordar, sopra o anjo em teu ouvido: “Tende bom ânimo”...
Neste caminho de pedras, a perseverança é oxigênio para a alma.
Olhando fixamente para o cume das montanhas
seguindo no tempo, feito vento a zunir no telhado da casa...*

*Segue com boa disposição o dia
contempla o sol ao amanhecer
espera pela noite com acurada singeleza
acorda com a água limpa das horas...*

*Veste tua alma com a semente do tempo
inunda tua mente com a pérola da serenidade
respira pausadamente à beira do rio...*

*Nenhum fruto surge no tempo indevido
nada acontece sem a permissão dos céus
tudo é dádiva para aqueles que a vislumbram...*

*Paz e luz
Jorge Leão*



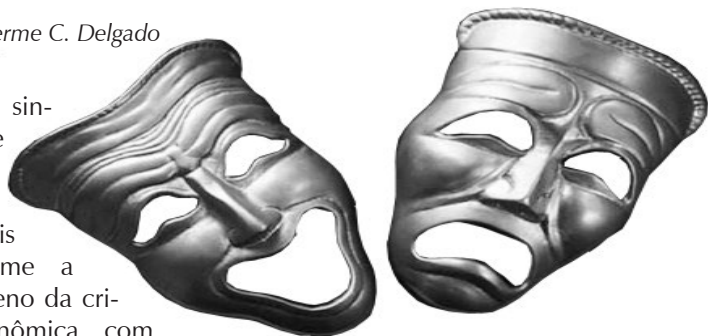


Economia da criminalidade, ética pública e justiça na atualidade

Guilherme C. Delgado

Dois eventos singulares deste ano de 2016, significativos de uma situação mais geral, instigam-me a tratar do fenômeno da criminalidade econômica, com lentes na formação dos consensos éticos da sociedade e na ação da justiça. Os dois eventos mencionados estão ligados a operação 'Lava-a-jato' - o primeiro como fato criminal, com indícios primariamente apurados por investigação autônoma da Receita Federal (SP); e o segundo como teia de especulações, alimentada e também produzida por estrondosa cobertura de mídia.

Refiro-me no primeiro caso a reportagem assinada pelas jornalistas Josete Goulart e Alexa Salomão do jornal 'O Estado de São Paulo', publicada neste veículo, no dia 11 de janeiro de 2016 (pag. A6), com o título 'Lava-a-jato Investiga 13 Bancos por Lavagem de Dinheiro'. Ao ler o teor da matéria percebe-se que a investigação da Receita, sobre um volume de contratos na faixa dos 15,0 bilhões de dólares, focou-se em determinados fatos relativos a um deles - o contrato de construção do navio sonda 'Vitória 10.000' (valor de 1,5 bilhões de dólares), particularmente nas opera-



ções de empréstimo de capital de giro que os principais bancos privados estabelecidos no Brasil (Bradesco, Itaú, Santander, HSBC, Votorantim, numa lista de treze citados na reportagem) concediam ao Banco Schahin. Este, por sua vez ao receber os recursos internos para fins de operação no contrato do navio sonda, alterava o CNPJ seu, substituindo-o por outro de uma empresa coligada, estabelecida em paraíso fiscal: com idêntica prática adotada pelo Banco credor, configurando a juízo da Receita Federal, indícios claros de prática de lavagem de dinheiro e sonegação fiscal.

A reportagem citada é um exemplo claro de informação jornalística honesta - parte-se um fato (o Relatório da Receita Federal), detalhado naquilo que é objetivamente apurado (nomes, endereços, indícios de criminalidade apontados a dois tipos criminais específicos (lavagem de dinheiro e sonegação fiscal). Ademais, ouve-se objetivamente as partes acusadas (no Relatório) - os Bancos





envolvidos, que preferem, ou não, falar invocando sigilo bancário ou se eximir das acusações que lhes são dirigidas, tão somente mediante auto declaração de honestidade.

Desde a data desta reportagem - 11 de janeiro, que noticiava também o encaminhamento deste referido Relatório da Receita Federal (SP) aos promotores da operação 'Lava a Jato' de Curitiba, o jornal (O Estado de São Paulo) não voltou ao assunto, que também não foi repercutido por nenhuma mídia, com ou sem destaque, de que eu tenha tomado conhecimento. Tampouco a Polícia Federal, o Ministério Público ou o próprio Juiz Moro emitiram qualquer comentário sobre o caso. Nem mesmo vazamentos seletivos de informação houve sobre andamento da investigação deste fato.

Interpreto este silêncio, e aqui estou presumindo de boa-fé, que todos estes agentes públicos e midiáticos envolvidos aplicaram um princípio de ética de responsabilidade pública: evitar a exposição pública dos executivos e até controladores de grandes Bancos privados em espalhafatosas operações de prisão preventiva, delação premiada etc., como sucedido no caso dos empreiteiros, tendo em vista evitar consequências secundárias muito graves, que desbordariam provavelmente para uma crise de confiança no sistema bancário, de consequências desastrosas para a economia, ainda mais nas condições críticas atuais. Mas suponho que a investigação sigilosa e a responsabilização criminal, sem frenesi midiático,

prossigam, com a mesma eficácia e objetividade demonstradas pela Receita Federal. E que tenhamos as punições devidas.

O outro evento significativo, a que me referi no início deste artigo, para o qual concorrem articuladamente Polícia Federal, Ministério Público e Poder Judiciário encarregados da operação 'Lava-a-jato', com ostensiva cobertura midiática, apresenta características diametralmente opostos do primeiro. Trata-se de uma teia de especulações cambiantes, ora de um mal definido 'caso triplex' de um apartamento não adquirido pelo ex-Presidente Lula; ora de um sítio em Atibaia, de propriedade de sócios dos filhos do ex-Presidente, cuja reforma teria custado 500 mil reais e teria sido paga por uma pessoa física supostamente ligada a empreiteira OAS; e ainda do puro 'factóide', qual seja especulação, sem fato ou indício de fato crível, a respeito da suposta venda de medidas provisórias, beneficiando empresas do setor automotivo. Mas há uma finalidade comum a esses três 'factóides', diariamente repercutidos na mídia dos jornais, revista televisão e rádio, com larga cobertura especulativa: produzir uma síndrome da suspeição, por repetição sistemática da suspeição. Prestam-se a esse papel, digno do Dr. Goebels, em primeiro lugar à própria mídia, que aqui abandona completamente o jornalismo veraz e fidedigno, para assumir tácita ou ostensivamente o papel de partido político em campanha eleitoral. Mas há igualmente, por ação ou omissão,





responsabilidades na Polícia Federal, no Ministério Público e no Judiciário responsável, por converterem uma investigação factual em verdadeira orquestração de caça às bruxas, escolhendo-se a dedo o ex-Presidente Lula como 'bruxo' a perseguir. Tais procedimentos, pela banalidade do 'factóide', convertido em investigação espalhafatosa, deslustram a própria credibilidade da operação

'lava-a-jato', rebaixam o nível ético e intelectual do debate político e podem até levar a resultados opostos do pretendido, qual seja o de converter o objeto da caça, em mártir político, um momento adiante.

* Guilherme C. Delgado é
Economista e pesquisador do IPEA

Transcrito do Boletim Rede

Zuem somos nós

Reminiscências - Maria Heliete

*Vejo as águas da minha infância
Nos sonhos que não sei contar
Águas turvas, imensas que amedrontam e que acalmam
Sem verbo pra dizer, sem voz para declarar
E cheias de significação, fecundam, meu ser de emoções
Zue, agora, começa a enxergar
Água força, água vida
Água pura de limpar, perdão
Na correnteza dos sonhos, muito ensina quando pouco fala
E só mexe com a emoção
Zue força é essa que sem querer domina?
Zue traz saudade do que nunca aconteceu!
Será presente de um passado mundo
Zue me ternura, me banha toda, me encanta sempre
E só me envolve de tênue recordação?
Águas fundas, beiras marês. água grande, riacho de pé no chão
Águas de hoje, revoltas, remanso
Busca cristalina
Ondas que passam, ondas que avançam
Zue foram ao mundo-mar do meu pequenino coração
Transformam tudo, inundam de sereno
Se transfiguram e se revelam em meus sonhos
Presenteando-me com a calma e a revelação!*

Maria Heliete é membro do MFC - Nova Iguaçu





Esperançar

Leonardo Ulrich Steiner*

Este 2016 ainda não se livrou das tristes notícias do ano passado. Carregamos as dores e angústias, as alegrias e esperanças de 2015.

As dores e angústias nos atingiram pela corrupção sem limites, pela falta de ética na política, pela incapacidade de diálogo, pela falta de ideologia (no sentido grego da palavra), pelos partidos políticos, pelo processo na Comissão de Ética contra o presidente da Câmara, pelo processo de impeachment contra a presidente da República.

Somos ainda atingidos pela crise econômica que vai gerando desemprego, pela falta de reforma política, pela incapacidade de ouvir e respeitar os pobres, as comunidades indígenas e quilombolas, pela mudança climática.

Por outro lado, o fim do financiamento de campanhas eleitorais por empresas privadas, o desejo de mudanças estruturais, o combate à corrupção, o despertar para a responsabilidade maior pelo meio ambiente, o trabalho incansável por uma sociedade mais fraterna, justa e democrática são alegrias e esperanças que tornam 2016 promissor.

Na mensagem pelo 54º Dia Mundial da Paz, o papa Francisco

provocava: “Alguns acontecimentos dos últimos anos e também do ano passado incitam-me, com o novo ano em vista, a renovar a exortação a não perder a esperança na capacidade que o homem tem, com a graça de Deus, de superar o mal, não se rendendo à resignação e nem à indiferença”.

As dores e angústias podem despertar para manifestações de violência verbal e física, gerar indiferença, mas também podem provocar ações de esperança. Somos convidados a esperançar, na tentativa de superação da globalização da indiferença e da violência que tomaram conta do nosso conviver.

Parece inusitado apresentar a misericórdia como caminho de reconciliação e construção comum numa sociedade dividida, como possibilidade de diálogo num ambiente no qual a agressividade tornou-se uma tônica, e a corrupção, uma quase normalidade. Soa por demais religioso.

A misericórdia, entretanto, no sentido aramaico, é o útero que gera, nutre, cuida da vida. Deus cuidador e gerador de vida nova, isto é, relações novas a provocarnos a não desistir da esperança. Na misericórdia, as diferenças não são empecilho para fazer o bem, cuidar





do bem comum, porque ela rejeita a luta pelo poder. Ela ilumina as ações para a verdade.

A misericórdia desarma os espíritos, concede gestos e palavras que ultrapassam o direito e conduzem à justiça. A verdade nascida da misericórdia será a estrela guia nos processos de diálogo, nos processos ético e de impeachment, para o bem dos brasileiros. A misericórdia que desperta a verdade pede justiça.

A misericórdia não é vingativa, não é voltada para grupos e partidos. Ela é a base da tensão harmoniosa entre os poderes da República, a purificação do serviço político e a possibilidade de convivência entre pessoas. “É a misericórdia que muda o coração e a vida, que

pode regenerar uma pessoa e permitir que ela se insira de maneira nova na sociedade”, disse o papa Francisco.

A crise política e econômica que vivemos é uma crise, antes de tudo, ética, crise das relações. A misericórdia faz esperar, isto é, preocupar-nos com os outros, mudar hábitos, despertar para a verdade, cuidar da casa comum. Esperar contribuindo para o nascimento de ideais de justiça, solidariedade e fraternidade.

**Leonardo Ulrich Steiner é bispo auxiliar de Brasília e secretário-geral da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*

Transcrito da Folha de São Paulo

A mansidão e a misericórdia são os critérios de uma espiritualidade autêntica

Anselm Grün





PAPA FRANCISCO: IGREJA EM SAÍDA DE ONDE PARA ONDE?

Leonardo Boff - Adital

Celebrando ainda a extraordinária encíclica sobre “o cuidado da Casa Comum”, voltamos a refletir uma perspectiva importante do Papa Francisco, um verdadeiro logotipo de sua compreensão de Igreja: “uma Igreja em saída”.

Essa formulação encerra uma velada crítica ao modelo anterior de Igreja que era uma Igreja “sem saída” devido aos diversos escândalos de ordem moral e financeira, o que forçou o Papa Bento XVI a renunciar, uma Igreja que perdeu seu melhor capital: a moralidade e a credibilidade dos cristãos e do mundo secular.

Mas o logotipo “Igreja em saída” possui um significado mais profundo, tornado possível porque veio de um Papa fora dos quadros institucionais da velha e cansada cristandade europeia. Esta havia encerrado a

Igreja dentro de uma compreensão que a tornava praticamente inaceitável pelos modernos, refém de tradições fossilizadas e com uma mensagem que não mordida os problemas dos cristãos e do mundo atual. A “Igreja em saída” quer marcar uma ruptura com aquele estado de coisas. Essa palavra “ruptura” irrita os representantes do establishment eclesiástico. Mas nem por isso deixa de ser verdadeira. E então se coloca a pergunta: “saída” de onde para onde? Vejamos alguns passos:

- Saída de uma Igreja-fortaleza que protegia os fiéis contra as liberdades modernas para uma Igreja-hospital de campanha que atende a toda pessoa que a procura, pouco importa seu estado moral ou ideológico.

- Saída de uma Igreja-instituição absolutista, centrada em si mesma para uma Igreja-movimento, aberta ao diálogo universal, com outras Igrejas, religiões e ideologias.





- Saída de uma Igreja-hierarquia, criadora de desigualdades para uma Igreja-povo de Deus, fazendo de todos irmãos e irmãs: uma imensa comunidade fraternal.

- Saída de uma Igreja-autoridade eclesiástica, distanciada dos fiéis ou até de costas a eles, para uma Igreja-pastor que anda no meio do povo, com cheiro de ovelha e misericordiosa.

- Saída de uma Igreja-Papa de todos os cristãos e bispos que governa com o rígido direito canônico para uma Igreja-bispo de Roma, que preside na caridade e só a partir daí se faz Papa da Igreja universal.

- Saída de uma Igreja-mestra de doutrinas e normas para uma Igreja de práticas surpreendentes e do encontro afetoso com as pessoas para além de sua inscrição religiosa, moral ou ideológica. As periferias existenciais ganham centralidade.

- Saída de uma Igreja de poder sagrado, das pompa e circunstância, dos palácios pontifícios e titulações de nobreza renascentista para uma Igreja-pobre e para os pobres, despojada de símbolos de honra, servidora e porta-voz profética contra o sistema de acumulação de dinheiro, o ídolo que produz sofrimento e miséria e mata as pessoas.

- Saída da Igreja-que fala dos pobres para uma Igreja-que vai aos pobres, conversa com eles, abraça-os e os defende.

- Saída de uma Igreja-equidis-

tante dos sistemas políticos e econômicos para uma Igreja-que-toma-partido em favor das vítimas e que chama pelo nome os produtores das injustiças e convida a Roma representantes dos movimentos sociais mundiais para discutir com eles como buscar alternativas.

- Saída de uma Igreja-automagnificadora e acrítica para uma Igreja-da-verdade sobre si mesma contra cardeais, bispos e teólogos zelosos de seu status, mas com cara de “vinagre ou de sexta-feira santa”, “tristes como se fossem ao próprio enterro”, enfim, uma Igreja feita de pessoas humanas.

- Saída de uma Igreja da ordem e do rigorismo para uma Igreja-da-revolução da ternura, da misericórdia e do cuidado.

- Saída de uma Igreja-de-devotos, como aqueles que aparecem nos programas televisivos, com padres artistas do mercado religioso, para uma Igreja-compromisso com a justiça social e com a libertação dos oprimidos.

- Saída de uma Igreja-obediência e da reverência para uma Igreja-alegria do evangelho e de esperança ainda para esse mundo.

- Saída de uma Igreja-sem o mundo que permitiu surgir um mundo sem Igreja para uma Igreja-mundo, sensível ao problema da ecologia e do futuro da Casa Comum, a mãe Terra.

Estas e outras saídas mostram





que a Igreja não se reduz apenas a uma missão religiosa, acantonada numa parte privada da realidade. Ela possui, além disso, uma missão político-social no sentido maior desta palavra, como fonte de inspiração para as transformações necessárias que resgatem a humanidade para um tipo de civilização do amor e da compaixão, que seja menos individualista, materialista, cínica e destituída de solidariedade.

Esta Igreja-em-saída devolveu alegria e esperança aos cristãos e reconquistou o sentimento de ser um lar espiritual. Granjeou pela simplicidade, despojamento e acolhida no amor e na ternura, a es-

tima de muitas pessoas de outras confissões ou de simples cidadãos do mundo e mesmo de chefes de Estado que admiram a figura e as práticas surpreendentes do Papa Francisco em favor da paz, do diálogo entre os povos e da renúncia a toda violência e a guerra.

Mais que doutrinas e dogmas é a Tradição de Jesus, feita de amor incondicional, de misericórdia e de compaixão que por ele se atualiza e revela sua inesgotável energia humanizadora. Pois, entre outras coisas, está é a mensagem central de Jesus, aceitável por todas as pessoas de todos os quadrantes.

Fonte: Carta Maior





Incomodar com a **PRÁXIS**

Rubens Carvalho*



O inconsciente coletivo é uma porta aberta, um corredor estreito – originariamente herdado, pode levar as pessoas a repetir uma ação, atividade, palavra, “curtida”. É um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças compartilhadas por toda a humanidade sem fazer um juízo de valor apurado, se você fez eu faço e às vezes nem sei por que estou fazendo.

O que você tem realizado, tenha certeza que mesmo sem pedir, sem exercer nenhum tipo de pressão ou força, outros o farão por repetição ou herança. A pessoa que você é impulsionará os demais - o que você faz é passivo de criar estruturas positivas futuras para a humanidade. O ser “crível” que habita em nós, compreende que os mais diversos aspectos que fazem parte da estrutura humana devem permanecer em perfeita harmonia. Fazendo um olhar sobre a fenomenologia que concebe o ser emotivo, perceptível e móvel e o pleno exercício de sua vida física, psíquica e emocional equilibrados te tornará crível.

O fazer é um convite ao fortalecimento, um estímulo individual

a construir cada vez mais aquilo que se acredita, o coletivo vive em constante transformação, na sua ação o reforçar constante de suas virtudes e valores na prática, que em sua maioria somam-se a de milhares de pessoas pois habitamos a mesma urbi, e por impulsão a sociedade vai se moldando seja qual for a circunstância.

Então, que bom que você tem feito o que precisa ser feito, que você tem sido a melhor pessoa que você pode ser, que bom que você faz o que precisa ser feito sem esperar que o outro faça, que você não fica procrastinando suas atividades que precisam ser feitas agora, que bom que você vive o presente com intensidade exprimindo nele o melhor que habita em você. Lembrando Gandhi, concluo “Você deve ser a mudança que você quer para o mundo”.

Forte e afetuoso abraço,

Paz e bem!!!

**Rubens Carvalho é Advanced
Coach Sênior e Membro do
colegiado do CONDIR NORDESTE*





JUSTIÇA OU VINGANÇA?

Alguém realmente acredita que reduzir a maioria penal há de amenizar a violência social de que somos todos, sem exceção, vítimas?

Maria Rita Kehl*

Sou obrigada a concordar com Friedrich Nietzsche: na origem da demanda por justiça está o desejo de vingança. Nem por isso as duas coisas se equivalem. O que distingue civilização de barbárie é o empenho em produzir dispositivos que separem um de outro. Essa é uma das questões que devemos responder a cada vez que nos indignamos com as consequências da tradicional violência social em nosso país.

Escrevo “tradicional” sem ironia. O Brasil foi o último país livre no Ocidente a abolir a prática bárbara do trabalho escravo. Durante três séculos, a elite brasileira capturou, traficou, explorou e torturou africanos e seus descendentes sem causar muito escândalo.

Joaquim Nabuco percebeu que a exploração do trabalho escravo perverteria a sociedade brasileira – a começar pela própria elite escravocrata. Ele tinha razão.

Ainda vivemos sérias consequências desse crime prolongado que só terminou porque se tornou economicamente inviável. Assim como pagamos o preço, em violência social disseminada, pelas duas ditaduras – a de Vargas e a militar (1964 e 1985) – que se extinguíram sem que os crimes de lesa-humanidade praticados por agentes de Estado contra civis capturados e indefesos fossem apurados, julgados, punidos.

Hoje, três décadas depois de nossa tímida anistia “ampla, geral





e irrestrita”, temos uma polícia ainda militarizada, que comete mais crimes contra cidadãos rendidos e desarmados do que o fez durante a ditadura militar.

Por que escrevo sobre esse passado supostamente distante ao me incluir no debate sobre a redução da maioridade penal? Porque a meu ver, os argumentos em defesa do encarceramento de crianças no mesmo regime dos adultos advém dessa mesma triste “tradição” de violência social.

É muito evidente que os que conduzem a defesa da mudança na legislação estão pensando em colocar na cadeia, sob a influência e a ameaça de bandidos adultos já muito bem formados na escola do crime, somente os “filhos dos outros”.

Quem acredita que o filho de um deputado, evangélico ou não, homofóbico ou não, será julgado e encarcerado aos 16 anos por ter queimado um índio adormecido, espancado prostitutas ou fugido depois de atropelar e matar um ciclista?

Sabemos, sem mencioná-lo publicamente, que essa alteração na lei visa apenas os filhos dos “outros”. Estes outros são os mesmos, há 500 anos. Os expulsos da terra e “incluídos” nas favelas. Os submetidos a trabalhos forçados.

São os encarcerados que furto-ram para matar a fome e esperam anos sem julgamento, expostos à violência de criminosos periculo-

sos. São os militantes desaparecidos durante a ditadura militar de 1964-85, que a Comissão da Verdade não conseguiu localizar porque os agentes da repressão se recusaram a revelar seu paradeiro.

Este é o Brasil que queremos tornar menos violento sem mexer em nada além de reduzir a idade em que as crianças devem ser encarceradas junto de criminosos adultos. Alguém acredita que a medida há de amenizar a violência de que somos (todos, sem exceção) vítimas?

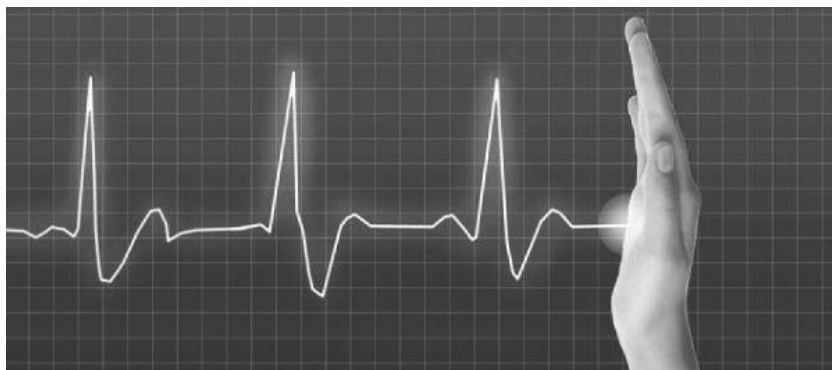
As crianças arregimentadas pelo crime são evidências de nosso fracasso em cuidar, educar, alimentar e oferecer futuro a um grande número de brasileiros. Esconder nossa vergonha atrás das grades não vai resolver o problema.

Vamos vencer nosso conformismo, nossa baixa estima, nossa vontade de apostar no pior – em uma frase, vamos curar nossa depressão social. Inventemos medidas socioeducativas que funcionem: sabemos que os presídios são escolas de bandidos. Vamos criar dispositivos que criem cidadãos, mesmo entre os miseráveis – aqueles de quem não se espera nada.

Maria Rita Kehl é psicanalista, foi integrante da Comissão Nacional da Verdade. É autora de “O Tempo e o Cão - A Atualidade das Depressões” (Boitempo) e de “Processos Primários” (Estação Liberdade)

Transcrito da Folha de São Paulo





Morrer e a morte na atualidade

*Bruno Fernando da Silva Reis**

Enquanto estamos em “plena vida”, pouco pensamos em algo tão “triste”, ou mesmo “desagradável”, como o morrer e a morte. O morrer é um processo., A morte, um momento! Esse assunto, apesar de pouco discutido, se encontra presente a todo instante no nosso mundo circundante e mesmo quando ultrapassamos nossos limites de espaço. Falar sobre a morte ainda é um tabu na sociedade contemporânea na qual vivemos... Onde há vida sempre haverá a presença da morte, afinal tudo não passa de um ciclo, um processo contínuo, ainda incapaz de ser desfeito a despeito dos grandes avanços tecnológicos no campo da saúde.

Antigamente morte era mais bem aceita e vivenciada. E por que não vivenciar esse momento que faz parte do processo de viver? As pessoas morriam em casa, ao lado

de seus entes queridos e nos locais onde viveram toda a sua existência, com seus pertences. Era algo único e pessoal. Hoje, as pessoas morrem em leitos de hospitais (enfermarias ou unidades de terapia intensiva), distantes de todos os que amam, afastadas do seu aconchego da vida toda e despersonalizadas... O avançar no uso da tecnologia, visando a aprimorar os tratamentos trouxe consigo vantagens e claro, significativas desvantagens. Perdeu-se o controle entre o estar vivo e o viver...

Sinais vitais como batimentos cardíacos, pressão arterial, temperatura, oxigenação sanguínea e resultados de exames de sangue tornaram-se “indivíduos”, a despeito de estarem presentes ali um ser humano e toda a sua biografia, desejos e possível autonomia. Até quando estar vivo é viver? Os profissionais da área de saúde não estão preparados, tecnicamente falando, para abordar pacientes e familiares em situação de final de vida devido





à formação de graduação deficitária no que diz respeito às discussões sobre a morte e o morrer. O cuidado paliativo, modalidade de cuidado que aborda pacientes com doenças crônicas, avançadas e muitas vezes em franco processo de progressão, visando à busca pela qualidade de vida ao paciente e aos seus familiares, ainda não é uma realidade no Brasil, mas as discussões a respeito estão a todo vapor!

Você já se perguntou onde quer morrer em casa ou no hospital)? Já se perguntou quais pessoas gostaria que participassem desse momento final contigo? Já pensou sobre o seu

fim de vida? Já pensou que as, condutas tomadas podem não ser os seus reais desejos? Vida e morte se misturam, e não há como dissociá-los! Dignidade no viver, no morrer e na morte sempre! Direitos indiscutíveis de todo ser humano.

Bruno Fernando da Silva Reis É Médico especialista em medicina paliativa*

*Transcrito da Tribuna de Minas
Desafio ao leitor: Escrever um
artigo sobre o tema "Morte,
misericórdia e mercado"*

*Tese em questão: A eficácia
da misericórdia*

***A felicidade não consiste em adquirir nem em
gozar, mas sim em nada desejar, consiste em ser livre***

Epicteto





Não precisamos doutrinar filhos e alunos para assumirem nossa posição

Rosely Sayão*

Desde que a imprensa passou a publicar toda a crise política de nosso país e que as primeiras manifestações populares relacionadas a essa crise ganharam os espaços públicos reais e virtuais e, portanto, visibilidade, os educadores – familiares e escolares – ficaram em apuros. Como ensinar ao filho que é importante que ele seja honesto, quando ele ouve ou lê, todo santo dia, relatos de acusação ou de suspeita de desonestidade de políticos, empresários, funcionários de empresas etc.?

Como passar ao filho a importância do respeito ao outro, quando ele testemunha, pela imprensa e pela internet, o desrespeito que temos tido com as opiniões diferentes das nossas? Está difícil, bem difícil,

mas é bom saber que, mesmo sendo uma tarefa árdua, é possível educar bem os mais novos, mesmo nesse contexto tão adverso. E exemplifico com o relato que uma mãe me encaminhou da conversa dela com o filho, de pouco mais de dez anos.

Ela contou que o menino disse a ela que roubar até que poderia ser bom, já que quem rouba fica rico. Ela assustou-se com a observação – na verdade, desesperou-se –, já que se empenha de corpo e alma na formação ética e moral dos filhos. Mas conseguiu se sair muito bem!

Essa mãe disse ao garoto que ser rico não é a coisa que ela considera importante na vida dos filhos, nem ter sucesso ou fama. Lembrou a ele que ela fazia de tudo para que os filhos aprendessem a ser pessoas que





jamais prejudicariam outras, e que soubessem o valor da honestidade, do respeito e da generosidade.

Ao final da conversa, ela ficou emocionada ao ouvir o filho dizer que era por isso que ele a amava tanto. Eu também me emocionei ao ler a mensagem.

Vivemos em uma sociedade individualista já faz tempo. Isso significa, muitas vezes, ensinar aos mais novos que seus pares são, em muitas situações, uma ameaça, um perigo. Há escolas que, em datas próximas a vestibulares, Enem e outros exames, passam aos alunos a ideia de que eles terão de “derrubar” um determinado número de colegas para ter o seu lugar garantido. Não há nada de bom nesse ensinamento.

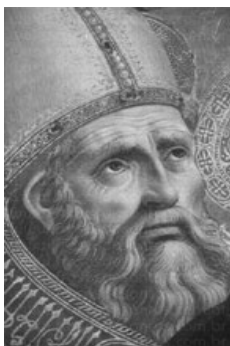
“Mas não é essa a realidade em que vivemos?”, você pode me perguntar, caro leitor. Sim, é. Mas podemos escolher fazer parte dela ou sermos críticos em relação a diversas facetas dessa sociedade, considerando que nossos filhos poderão ajudar a transformar o contexto cultural, quando se tornarem adultos.

Foi na década de 1960 que muitos jovens aderiram à contracultura, um movimento que contestava e reagia aos valores dominantes da época. Mas hoje fazemos de tudo para que nossos filhos aceitem passivamente os valores que nossa sociedade prioriza. Não é à toa que a frase que eles mais usam para convencer os pais quando querem que eles permitam algo é “Todo mundo tem, faz, vai etc.”. Eles já sentiram que os pais valorizam a cultura dominante, não é?

Não precisamos nem devemos doutrinar filhos e alunos para que assumam a nossa posição! Precisamos e devemos formá-los cidadãos conscientes, livres, críticos pelo conhecimento, para que, quando chegarem à maturidade, façam suas escolhas criticamente formados.

Educar para que os mais novos se tornem pessoas e cidadãos de bem pode estar difícil, mas não é uma missão impossível se priorizarmos os ensinamentos das grandes virtudes, da moral e da ética.

Transcrito da Folha de São Paulo



***A confissão das más ações é
o primeiro passo para a
prática de boas ações***

Santo Agostinho





O silêncio de Deus



*Frei Betto**

Incomoda-nos o silêncio de Deus, tema recorrente na obra magnífica de Carlos Heitor Cony. Até o Papa Bento XVI, ao visitar Auschwitz, em abril de 2010, exclamou: “Por que, Senhor, permaneceste em silêncio? Como pudeste tolerar isto? Onde estava Deus nesses dias?”.

Albert Camus concluiu que ou Deus é onipotente, mas é mau, ou é bom, mas impotente. De fato, paira a indagação se Deus deserdou a Humanidade ao se constatar tantas atrocidades: de Auschwitz a Hiroshima: do genocídio indígena na América Latina ao uso de drones made in USA que, no Oriente Médio, provocam destruição e mortes até mesmo em hospitais de campanha dos Médicos Sem Fronteiras. Hordas de imigrantes promovem um novo êxodo rumo a países ditos cristãos, e estes, horrorizados, fecham suas fronteiras e seus corações.

Deus faz silêncio na vida de tantos adultos que, na infância, creram nele e, agora nas pagadas de Niet-

zsche, o descartam como uma ilusão destinada a tentar compensar na vida além da morte o sofrimento inexplicável nesta existência.

Como Deus pode existir se há tantas crianças condenadas à fome, a doenças incuráveis, à crueldade dos adultos?, perguntava Betinho, que foi meu companheiro na Ação Católica, E aqueles que nele creem são mais éticos e justos do que os ateus? As maiores atrocidades da História, como a Inquisição, o colonialismo, a escravatura, o nazismo e as duas grandes guerras, foram cometidas por nações que se consideram predominantemente cristãs.

Ora, quantos cristãos enchem a boca com o nome de Deus, e inclusive o bolso graças a ele, e trazem o coração repleto de ira, ódio, vingança e preconceitos! Quantos exploram a boa fé do rebanho de fieis para extorquir, corromper e multiplicar seus negócios, e ainda prometem o inferno a quem os denuncia!

Até Jesus experimentou o silêncio de Deus:





“Meu Pai, meu Pai, por que me abandonaste?” (Marcos 15, 34). Em dois ou três períodos de minha vida, como na prisão sob a ditadura civil e militar, também indaguei onde Deus se escondia.

Não é a fé em Deus que importava para Jesus. A fé é um dom, e muitos não o receberam. O importante era se a pessoa vivia, ainda que sem fé, os valores humanos (que coincidem com os evangélicos): amor ao próximo, justiça aos oprimidos, tolerância e compaixão. Quem assim age faz o que Deus espera de nós Jesus enfatizou que muitos que não creem e abraçam tais valores haverão de perguntar do outro lado da vida “Quando te vimos com fome te demos de comer? E o Senhor dirá: “Todas as vezes que fizeste isso ao menor dos meus irmãos, a mim o fizeste” Mateus, 25, 37-40)

Jesus não veio fundar uma religião ou uma igreja. Veio nos propor um novo projeto civilizatório, baseado no amor e na justiça – a globalização da solidariedade, como definiu o Papa João Paulo II. No reino de César, ele pagou com a

vida o fato de anunciar um outro reino, um “outro mundo possível” o de Deus. Não, como muitos pensam, situado apenas do outro lado da vida, mas aqui e agora, e cujo protótipo ele encarnou. Por isso, nos ensinou a orar: “Venha a nós o vosso Reino?”

O modo de entender a presença de Deus em nossas vidas depende da ideia que temos Dele, como demonstra a emblemática história de Jó, cujos amigos, inconformados diante daquela fé inabalável, o instigavam a repudiar Deus, que o fazia sofrer.

Certa vez, indignado com o silêncio omisso de Deus perante tanta injustiça, um homem entrou em uma igreja vazia e, junto ao altar, pôs-se a gritar: “Tanta maldade no mundo, e o Senhor não faz nada? Não reage à violência, à miséria, a tanto sofrimento de suas criaturas?” Deus quebrou o silêncio e respondeu: “Eu já fiz.” “Como já fez? Fez o quê? indagou o homem. “Fiz você? disse Deus.*

**Transcrito de “O Globo”*

*Acredite em si próprio e
chegará um dia em que os
outros não terão outra
escolha senão acreditar em você*

Cynthia Kersey





PARÁBOLA DOS TRABALHADORES *da Vinha*

EVANGELHO DE MATEUS 20,1-16

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA BÍBLICA da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Teologia Bíblica.

Jael Firmino de Oliveira¹
Ildo Perondi²

Neste texto, todas as citações nas quais não aparece o nome do livro da Bíblia, são do Evangelho de Mateus.

INTRODUÇÃO

A partir do Novo Testamento o emprego de Parábolas, do grego: Parabolé (Παραβολή), passou a ser muito empregado por Jesus para evangelizar, se fazendo presente nas narrativas dos Evangelhos Sinóticos. A utilização dessa metodologia proporciona ao ouvinte a possibilidade de entender melhor a palavra, pois com o emprego de imagens pertinentes ao seu cotidiano, o leva a experimentar a narrativa como se fosse uma experiência vivida.

Neste artigo trabalharemos uma das parábolas de Jesus, mais especificamente a Parábola dos trabalhadores da vinha, narrada no Evangelho de Mateus 20,1-16, que apresentamos a seguir, segundo a tradução da Bíblia Edição Pastoral da editora Paulus (1991):

1 De fato, o Reino dos Céus é como um patrão, que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para sua vinha. **2** Combinou com os trabalhadores uma moeda de prata por dia, e os mandou para a vinha. **3** Às nove horas da manhã, o patrão saiu de novo. Viu outros que estavam desocupados na praça, **4** e lhes disse: Vão vocês também para a minha vinha. Eu lhes pagarei o que for justo. **5** E eles foram. O patrão saiu de novo ao meio-dia e às três horas da tarde, e fez a mesma coisa. **6** Saindo outra vez pelas cinco horas da tarde, encontrou outros que estavam na praça, e lhes disse: Por que vocês estão aí o dia inteiro desocupados? **7** Eles responderam: Porque ninguém nos contratou. O patrão lhes disse: Vão vocês também para a minha vinha. **8** Quando chegou à tarde, o patrão disse ao administrador: Chame os trabalhadores e pague uma diária a todos. Comece





pelos últimos, e termine pelos primeiros. **9** Chegaram aqueles que tinham sido contratados pelas cinco da tarde, e cada um recebeu uma moeda e prata. **10** Em seguida chegaram os que foram contratados primeiro, e pensavam que iam receber mais. No entanto, cada um deles recebeu também uma moeda de prata. **11** Ao receberem o pagamento, começaram a resmungar contra o patrão: **12** Esses últimos trabalharam uma hora só, e tu os igualaste a nós, que suportamos o cansaço e o calor do dia inteiro! **13** E o patrão disse a um deles: Amigo, eu não fui injusto com você. Não combinamos uma moeda de prata? **14** Tome o que é seu, e volte para sua casa. Eu quero dar também a esse, que foi contratado por último, o mesmo que dei a você. **15** Por acaso não tenho o direito de fazer o que eu quero com aquilo que me pertence? Ou você está com ciúme porque estou sendo generoso? **16** Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos.

1. CONTEXTO

1.1 A OBRA DE MATEUS (O EVANGELHO)

Mateus é um dos doze apóstolos (10,3) sua função antes de ser chamado não era uma das mais dignas, ele era cobrador de impostos (9,9), na época essas pessoas eram tidas pelo povo judeu, como pecadores. É o mesmo Levi de Lc 5,27 e era filho de Alfeu (Mc 2,14).

A obra escrita por Mateus é o primeiro de quatro evangelhos que compõem o livro sagrado iniciando o Novo Testamento. Junto com os evangelhos de Marcos e Lucas, forma um conjunto chamado de “Evangélicos Sinóticos”, pois em alguns momentos suas narrativas se aproximam, porém há também muitos pontos divergentes que podem servir de base comparativa quando vistos lado a lado. Essas divergências surgem à medida que se impõem as realidades das comunidades em que viviam seus autores e a quem era destinada a mensagem.

O Evangelho de Mateus foi escrito por volta dos anos 80 – 90 dC , provavelmente ao norte da Galiléia, versão aceita pela maioria dos autores. O texto foi dirigido às comunidades cristãs de origem judaica, que passavam por um momento delicado com a destruição de Jerusalém, no ano 70 dC, e a impossibilidade de realizar suas orações no Templo e quando os cristãos já não podiam mais frequentar as sinagogas. É neste contexto que surge o Evangelho de Mateus, visando demonstrar que Jesus é o Messias esperado, o verdadeiro Filho de Deus e como poderiam fazer para segui-lo, já que muitos dos seguidores eram judeus recém-convertidos ao Cristianismo.

A Bíblia Pastoral da Editora Paulus (1991), divide o Evangelho de Mateus em seis partes, sendo: o Prólogo (Cap. 1 a 2), que narra o nascimento e a genealogia de Jesus, a Nova História; o primeiro livrinho (Cap.





3 a 7), fala sobre a Justiça do Reino; o segundo livrinho (Cap. 8 a 10), discorre sobre a dinâmica do Reino; o terceiro livrinho (Cap. 11 a 13), é intitulado: o Mistério do Reino; o quarto livrinho (Cap. 14 a 18) sobre a Igreja semente do Reino e o quinto livrinho (Cap. 19 a 29), apresenta a vinda definitiva do Reino.

O Evangelho de Mateus é um livro da Sagrada Escritura que busca, além de mostrar quem é Jesus e como segui-lo, resgatar a esperança e a fé de um povo que viu seu Templo ser destruído e que ainda não haviam entendido que Jesus era o verdadeiro Templo, por isso, algumas de suas características principais são:

- a) A certeza de que Jesus é Deus presente no meio de nós (1,23; 18,20; 28,20);
- b) É o Evangelho do Pai; 21 vezes se refere a Deus como o Pai Nosso;
- c) É o Evangelho da justiça (3,15; 5,6.10.20; 6,1.33; 21,32);

O Evangelho de Mateus tem sido o mais lido e citado desde os primeiros séculos, sendo inclusive chamado de: “o Grande Evangelho”, mas também é chamado de “o Evangelho da Justiça”, porque Mateus apresenta Jesus como o mestre que veio cumprir a justiça: “pois assim nos convém cumprir toda a justiça” (3,15).

1.2 PRÉ-TEXTO – DEFINIÇÃO DE PARÁBOLAS, PORQUE JESUS FALAVA EM PARÁBOLAS.

Uma técnica muito utilizada por Jesus em suas falas eram as “Parábolas”, para entender melhor o significado precisamos antes responder o que é e o que significa essa palavra:

Parábola: A palavra grega Parabole, na LXX, representa o hebraico marshal, que designa um dito sapiencial, uma máxima (cf. SABEDORIA) ou uma canção de escárnio (cf. POESIA). No NT, parabole não é usada com a acepção de canção de escárnio; designa um dito sapiencial ou uma pequena narrativa alegórica usada por Jesus para representar o seu ensinamento.

A utilização de parábolas se justifica pelo fato de que, na época assim como hoje, as imagens atribuem um aspecto mais real e compreensível, se fixam melhor na memória dos ouvintes, especialmente no caso dos Evangelhos, isto porque, ao contar uma parábola, é trazido ao relato, imagens do cotidiano das pessoas e sempre referentes às expe-





riências de vida das comunidades. No entanto, embora de fácil entendimento, pode haver uma dificuldade de interpretação do seu sentido.

“As parábolas de Jesus, tomadas como um todo, não só estão transmitidas de modo seguro, como também, à primeira vista, constituem um material totalmente sem problemas. Levam os ouvintes a um mundo que lhes é familiar, tudo é tão simples e claro, ao ponto de o ouvinte não poder dar outra resposta senão: Sim, de fato é assim! No entanto, as parábolas levantam um difícil problema: Qual é o seu sentido original?”

A Igreja das origens já demonstra essa preocupação de como interpretar as parábolas, pois se sabia que servia de mensagem, orientação, consolo e também de promessas que o Senhor fazia ao povo.

Jesus se utiliza das parábolas para fazê-los captar a presença salvadora de Deus. “A vida é mais do que aquilo que se vê. As pessoas procuravam um Deus grandioso, magnífico, então Jesus quer mostrar a eles que, enquanto vão vivendo, a ação de Deus vai acontecendo no meio do povo.

Conclui na próxima edição

1 - Leigo da Arquidiocese de Maringá, graduado em Ciências Contábeis e Pós-Graduado em Contabilidade Gerencial e Auditoria, Ex-Coordenador e membro do MFC (Movimento Familiar Cristão).

2 - Professor de Sagradas Escrituras no Curso de Teologia na PUCPR (Campus Londrina), mestrado em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma e Doutor em Teologia Bíblica pela PUC Rio de Janeiro.





PADRE DALTON: SESSENTA ANOS DE MISSÃO SACERDOTAL.

MINAS-RIO-ESPÍRITO SANTO.

Há alguns anos, sob a proteção de Maria, mãe e mestra, Padre Dalton Barros de Almeida, CSsR, Reitor da Comunidade Redentorista da Glória encontrou-se com a vocação para a vida religiosa na pequena, porém acolhedora e linda cidade de Mercês. Desta forma, Nossa senhora das Mercês mostrou ao Padre DALTON a importância de ESTAR A SERVIÇO para quem, assim como o Cristo, deseja ser um mensageiro da verdade, da justiça, da liberdade e da paz, atuando como um profeta, sem medo de perseguição.

Modificando totalmente seu estilo de vida, frequentou seminário, tornou-se membro da Congregação Redentorista, fez cursos, aprendeu a amar como Jesus amou tornou-se Padre e, cada vez mais, passou a descobrir que dedicar sua vida ao serviço do irmão necessitado é a receita para harmonizar a vida e ser feliz.

Em sua caminhada como sacerdote, durante os últimos 60 anos, Padre Dalton:

- Atuou como Provincial por quatro mandatos, na Província

- Por dez anos, atuou como professor no CES-JF, E NA PU-C-BR, PARTILHANDO O SABER ACADÊMICO E COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO.

- Prestou serviço de assessoria na CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB) e na CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB).

- Membro do Movimento Familiar Cristão, onde atuou e atua como assessor em vários níveis e oportunidades, com inegáveis manifestações de misericordioso amor.

- Viveu vários anos na Universidade de Louvain (Louvaina), na Bélgica, aceitando o desafio de lidar com a realidade complexa e em mutação acelerada, propondo atitudes centradas na PEDAGOGIA DA ESPERANÇA.

Padre Dalton fez da FAMÍLIA o centro de suas reflexões, suas ações e seu sentimento fraterno. Nesta caminhada ocorreu seu encontro com o Movimento com o MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO, Igreja Doméstica em continuada construção e espaço natural de missão evangelizadora e salvífica. Entretanto, seu trabalho





não se limita ao MFC, pois ele sabe que a MESSE É GRANDE, MUITOS SÃO OS CONVIDADOS, MAS QUASE NINGUÉM TEM TEMPO. Padre Dalton ultrapassa os limites do Seminário, da Cidade, da Diocese, do Estado e mesmo do Brasil.

Questionador por excelência, Dalton faz de seus encontros e de suas celebrações oportunidades para o crescimento pessoal e social. São alguns dos ensinamentos que dele recebemos:

- Na vida marcada pela espiritualidade estão os requisitos fundamentais para a nossa feliz harmonia com o criador e com a salvação de nossa casinha, A TERRA.

- Em qualquer espaço de relações sociais, servir a Deus e ao Diabo (ao dinheiro) enfraquece a construção da Igreja Doméstica.

- A construção do amor conjugal e da harmonia familiar está na razão direta da legitimidade nas relações cotidianas e não no predomínio da legalidade.

- A fraternidade é importante porque se somos cristãos somos responsáveis uns pelos outros.

- A descoberta do outro ocorre no espaço das necessidades, das ausências, do ódio que mata e do rancor que corroí.

- PARTICIPAR de um Movimento Social, é ser vocacionado, estar unido, é participar e torná-lo perene. No nosso caso, é ser MFC.

Padre Dalton Barros de Almeida receba do MFC, que está em Juiz de Fora o agradecimento por tudo que você fez, faz e pelo que você representa, na condição de irmão fraterno e assessor local.

Aceite os nossos parabéns pelos 60 anos de vida religiosa inspirados no encontro continuado com Deus e sempre recarregados com a esperança de Dias Felizes.

*Documento produzido por
membros do MFC/JF*



*Abrir seu espírito ao mundo...
Abrir seu coração aos outros...
é permanecer jovem, em
qualquer idade*

Jacques Sève





Programa Nacional de Formação à Distância



CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Formação

Continuando o programa, estamos encaminhando o texto abaixo abordando o item 2.3 da programação.

Nossa preocupação é que os textos que estão sendo propostos para estudo e reflexão, tanto nas equipes-base quanto em eventos locais de formação, sejam compreendidos por todos.

SE VOCÊ, SUA EQUIPE-BASE OU COORDENAÇÃO ESTÁ ENCONTRANDO ALGUMA DIFICULDADE EM TRABALHAR OS REFERIDOS TEXTOS, POR FAVOR, ENTRE EM CONTATO CONOSCO ATRAVÉS DO E-MAIL ABAIXO PARA QUE POSSAMOS, DE ALGUMA FORMA, AUXILIÁ-LOS NA SUA INTERPRETAÇÃO.

Desejamos a todos o melhor proveito possível, e não se esqueçam: ficamos no aguardo de um retorno pelo endereço eletrônico abaixo. Não guarde somente para si suas conclusões. Vamos exercer a PARTILHA.

mfc.livraria@gmail.com

2º BLOCO TEMÁTICO - LIBERDADE

3º Módulo : – JESUS, O ENVIADO PARA LIBERTAÇÃO

Oração

“Pedi ao Senhor poder para ser amado e encontrei o amor para não necessitar de ser poderoso”,

Pedi-Lhe saúde para fazer coisas grandes e encontrei a doença para me fazer grande.

Pedi-Lhe riqueza para ser feliz e encontrei a felicidade para poder viver na sobriedade.

Pedi-Lhe leis para dominar os outros e encontrei a liberdade para os ajudar a serem livres.

Pedi-Lhe admiradores para estar rodeado de gente e encontrei amigos para não estar só.

Pedi-lhe ideias para convencer e encontrei respeito para conviver.

Pedi-Lhe dinheiro para comprar coisas e encontrei pessoas para partilhar o que tenho.

Pedi-Lhe milagres para acreditar e Ele deu-me fé para fazer milagres.

Pedi-Lhe uma religião para ganhar o céu e Ele deu-me o Seu Filho para me acompanhar na terra.





Pedi-Lhe de tudo para gozar na vida e Ele deu-me a vida para gozar de tudo.

Pedi-Lhe para ser um Deus e Ele escolheu fazer-se humano como eu”

(Homilética, 2001/2).

I - INTRODUÇÃO

Sempre nos foi dito que Jesus sofreu na cruz para nos libertar dos nossos pecados. A morte de Jesus, representou a vitória aparente das forças da morte. Os poderes instituídos venceram o Ungido de Deus. Contudo, a ressurreição é a resposta de Deus que anuncia a vitória definitiva da vida. Com isso, a ressurreição de Cristo representa a providência divina que salva o Ungido e o liberta, desta vez, da força da morte.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1 - Qual é o significado da cruz para você? Pense, reflita e manifeste para sua equipe base.

2 - Qual é a força da morte que Jesus venceu?

II - “PORQUE DIZEMOS QUE CRISTO MORREU POR NÓS E TEVE UMA MORTE DE CRUZ”?

Não se pode pedir ao Evangelho aquilo que ele não pode dar. Por exemplo, no tempo de Jesus não havia fábricas de automóveis, nem organização de sindicatos. Não havia ônibus nem avião, não havia internet nem tantas outras coisas que hoje existem.

O Evangelho não tem receita pronta para resolver nossos problemas. Mas, como veremos, no tempo de Jesus havia os mesmos problemas que existem hoje no relacionamento humano; sociais e econômicos como:

1. gente explorada por um sistema injusto (Mt 25,26);

2. desemprego crescente (Mt 20,1-6);

3. empobrecimento e endividamento crescentes (Mt 18,23-26);

4. poderosos ricos que não se importavam com a pobreza dos outros (Lc 16,19-21);

5. tensões e conflitos sociais (Barrabás);

6. repressão sangrenta que matava sem piedade (Lc 13,1-3);

7. classes altas comprometidas com os romanos na exploração do povo (Jo 18,31:40);

8. grupos de oposição aos romanos que lutavam pela libertação (Zelotes e atos);

9. a religião oficial, ambígua e opressora;

10. a piedade confusa e resistente dos pobres. (Frei Carlos Mesters)

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

E hoje, é diferente? Analise, reflita e tire suas conclusões em equipe.

III - JESUS UM REVOLUCIONÁRIO COM CORAGEM PARA DENUNCIAR.



Jesus teve a morte de cruz não porque Ele é o filho de Deus, mas por estar o tempo todo do lado dos excluídos do Sistema

Fiel ao seu programa e à sua vocação, Jesus convive, a maior parte do seu tempo, com aqueles que não tinham lugar dentro do sistema social existente:

1. prostitutas – que são preferidas aos fariseus (Mt 21, 31 –32; Lc 7, 37-50);

2. publicanos – tem precedência sobre os escribas (Lc 18, 9-14; 19, 1-10);

3. leprosos – são acolhidos e limpos (Mt 8, 2-3; 11,5; Lc 17,12) e os sacerdotes são obrigados a dar-lhes prova de sua purificação (Lc 17, 14; Mc 1,44; Mt 8, 2-4);

4. doentes – (Mt 8, 17) são curados em dia de sábado (Mc 3, 1-5; Lc 14, 1-6; 13, 10-13);

5. mulheres – fazem parte do grupo que acompanha Jesus (Lc 8, 1-3; 23, 49-55);

6. crianças – são apresentadas como professores de adultos (Mt 18, 1-4; 19,13-15; Lc 9,47-48);

7. povo humilde – entende o mistério do reino melhor que os sábios e entendidos (Mt 11,25-26);

8. samaritanos – são apresentados como modelo aos judeus (Lc 10, 33; 17, 16);

9. famintos – acolhe-os como rebanho sem pastor (Mc 6, 34; Mt 9, 36; 15,32) dá-lhes de comer (Jo 6, 5-11) e provoca neles a partilha (Jo 6,9);

10. cegos – recebem a visão (Mc 8, 22-26; Mc 10, 46-52; Jo 9, 6-7) e os fariseus são declarados cegos (Mt 23, 16);

11. coxos – sua cura é sinal de que Jesus pode perdoar pecados sem ser blasfemo (Mc 2, 1-12; Mt 11,15);

12. possessos – a expulsão dos demônios é sinal de que chegou o Reino de Deus (Lc 11, 14-20);





13. adúltera – é acolhida e defendida contra a lei e contra a tradição (Jo 8, 2-11);

14. anciã – é defendida dentro da sinagoga contra o coordenador da sinagoga (Lc 13, 10-17);

15. estrangeiros – são acolhidos e atendidos (Lc 7, 2-10) e a Cananéia consegue mudar os planos de Jesus (Mc 7, 24-30; Mt 15,22);

16. pobres – o Reino de Deus é deles (Mt 5,3; Lc 6,20) e não é dos ricos (Lc 6,24);

17. mendigos – na parábola, eles recebem a vida eterna e o rico avarento vai para o inferno (Lc 16, 19-31);

18. ladrão – é condenado pelo sistema e é recebido por Jesus no Reino (Lc 23, 40-43);

19. pescadores – são chamados para ser discípulos de Jesus (Mc 1, 16-20), enquanto não há nenhum doutor nem escriba no grupo dos doze;

(zelotes(as) – alguns deles estão no grupo de Jesus (Mt 10,4; Mc 3,18) junto com Levi, o publicano (Mc 2,14). (Frei Carlos Mesters)

Estas atitudes bem concretas de Jesus representam um perigo muito grande para o sistema dos judeus, pois Jesus escolhe os “imorais” (prostitutas e pecadores), os “marginalizados” (leprosos e doentes), os “hereges” (samaritanos e pagãos), os “colaboradores” (publicanos e soldados), os “fracos” e os “pobres” (que não tem poder nem saber). Os que não tem “lugar” recebem um “lugar”! E os que tem

um “lugar” na convivência social não recebem um “lugar” na convivência com Jesus!

IV - JESUS O LIBERTADOR DE TODA HUMANIDADE DA TIRANIA DA LEI E DA ESCRAVIDÃO IMPOSTA PELOS INTERPRETES DA LEI.

Jesus nega e combate as divisões criadas pelos homens

As divisões e oposições existentes naquele tempo vinham das relações de produção, da raça e da religião. Tudo misturado. Todas elas contradiziam a vontade do Pai, pois por meio delas muita gente era marginalizada, colocada de lado, sem esperança de poder obter uma vida melhor. E muitas vezes, tudo isto era sacralizado e legitimado em nome de Deus, através de uma interpretação errada da Bíblia.

Jesus denuncia todas estas divisões e as combate através de atitudes bem concretas:

1. a divisão entre o próximo e o não próximo – já não depende mais da raça nem de observância exteriores, mas depende da disposição de cada um se aproximar do outro, quem quer que ele seja (Lc 10, 29-37);

2. a divisão entre pagão e judeu – Jesus estava disposto a entrar na casa do centurião (Lc 7, 6), e atende ao pedido da Cananéia (Mt 15, 28);

3. a divisão entre obras santas e profanas – (oração: Mt 6, 5-8; jejum: Mt 6, 16-18 e esmola: Mt 6, 1-4) são redimensionadas;





4. a divisão entre puro e impuro – Jesus questionou toda a legislação da pureza legal (Mt 23, 23; Mc 7, 13-23) e chegou a ridicularizá-la (Mt 23, 24);

5. a divisão entre tempo sagrado e profano – colocou o Sábado a serviço do homem (Mt 12, 1-12; Mc 2,27; Jo 7, 23-24);

6. a divisão entre lugar sagrado e profano – disse que Deus pode ser adorado em qualquer lugar, contanto que seja em espírito e verdade (Jo 4, 21-24; Mc 11, 15-17; 13,2; Jo 2,19) e não só no templo;

7. a divisão entre pobres e exploradores – denuncia os exploradores que se dizem benfeitores do povo (Lc 20, 46 –47; 22,25) e derruba as mesas dos cambistas que são chamados ladrões (Mc 11, 15-17; Mt 21, 12-17). (

Agindo assim, Jesus sacode e relativiza as pilastras do sistema judaico: observância do sábado, o templo, as obras santas como jejum, oração e esmola, a lei da pureza legal (Mt 23, 25-28), a prática da justiça feita pelos fariseus (Mt 5,20), a própria lei de Moisés (Mt 5,17.21.27.31.33.38). Jesus denuncia a tentativa de chegar a Deus através do próprio esforço e do próprio mérito: “Somos servos inúteis!” (Lc 17,10). Deste modo, ele liberta o povo da tirania da lei, da tirania dos intérpretes da lei, da tirania dos que, em nome do seu saber maior, impunham fardos pesados ao povo dito ignorante (Mt 23,4). (Frei Carlos Mesters)

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1 - Nós do MFC já tivemos oportunidade e coragem de ter as mesmas atitudes de Jesus no mundo de hoje? Exemplifique quando e como.

2 – Refletindo sobre as atitudes de Jesus diante das mais diversas situações de sua época, vamos analisar como foram e como são nossas atitudes dentro da família e comunidade?

V – CONCLUSÃO

Ligado ao Pai, Jesus recusa a tentação do messias nacionalista, populista e racista. Rejeita o que era contra a vontade do Pai e contra o povo empobrecido. No fim, ficou só e abandonado, exatamente como o povo do seu país. Morre abandonado, soltando um grito, (Mc 15,37). É o grito dos pobres! Morre abandonado, acreditando que Deus ouve o grito dos pobres! Morre acreditando que a vida pisada é mais forte que o poder que pisa, mais forte que a morte. Morre acreditando que Deus liberta o seu povo com poder criador que vence a morte. E “no terceiro dia” o Pai o ressuscitou!

A mensagem de Jesus é o anúncio da vitória dos vencidos, a vitória da vida que vence a morte. Nos evangelhos Jesus usa a expressão de “reino de Deus”. O reino de Deus é, de acordo com o linguajar dos profetas, um reino de justiça e de paz.

ORAÇÃO FINAL. (A equipe faz uma oração espontânea)





A soma de todos os afetos

Nunca diga estou envelhecendo, estou ficando velha.

Eu não digo.

Eu não digo que estou velha, e não digo que estou ouvindo pouco.

É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso.

Procuro sempre ler e estar atualizada com os fatos e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida. O melhor roteiro é ler e praticar o que lê.

O bom é produzir sempre e não dormir de dia.

Também não diga pra você que está ficando esquecida, porque assim você fica mais.

Nunca digo que estou doente, digo sempre: estou ótima.

Eu não digo nunca que estou cansada.

Nada de palavra negativa.

Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida, mais esquecida fica.

Você vai se convencendo daquilo e convence os outros. Então silêncio!

Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha, não. Você acha que eu sou?

Posso dizer que eu sou a terra e nada mais quero ser.

Filha dessa abençoada terra de Goiás.

Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu, para exercerem seus direitos.

Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.

Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende.

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

Autoria desconhecida. Colaboração enviada por Jandira Tavares





Tributo a quem trabalha

Dentro de mais alguns dias estaremos vivenciando o 19º ENA - Encontro Nacional do MFC-Brasil, na cidade de Maringá (PR).

Nas dezoito cidades que até hoje sediaram os Encontros Nacionais as dificuldades provavelmente foram mais ou menos as mesmas, embora nos primeiros Encontros o número de participantes não tenha sido tão expressivo.

Os Encontros Nacionais são montados e executados por dois grupos denominados: Equipe de Metodologia e Conteúdo e Equipe de Infraestrutura.

A Coordenação da Equipe de Metodologia e Conteúdo atribuída, normalmente, ao Secretariado Nacional de Formação - SENFOR é composta por um representante de cada CONDIR.

Para a preparação do 19º. ENA a Coordenação da Equipe está a cargo de José Galdino Ulysses, e contou com a participação do Jorge Leão; do Rubens Carvalho; do Moisés; do Tiquinho (Antônio Feliciano); do Gerson (Pepe) e da Camila Contente; representando, respectivamente, os Condir Norte; Nordeste; Centro-Oeste; Sudeste; Sul e Jovens.

Já a Equipe de Infraestrutura está a cargo do casal Andréia e Jael, da cidade sede que coordena um numeroso grupo de mefecistas congregados em diversas Equipes, cada uma encarregada de uma área de trabalho.

Era desejo da Revista publicar as fotos de todas as Equipes de Trabalho com a respectiva identificação de seus componentes o que infelizmente não se tornou possível por razões alheias à nossa vontade.

Essa foi a forma que idealizamos para reconhecer e agradecer a esses valorosos companheiros as muitas horas em que se empenharam através de inúmeras reuniões a tornar o Encontro um momento único em que os mefecistas se reencontram para confraternizar e compartilhar as diversas experiências desenvolvidas em todo o Brasil. Que este reconhecimento sirva de estímulo a outras cidades a assumirem esse desafio para que os ENAs continuem a acontecer.





Equipe de Metodologia e Conteúdo



Equipe de Gestão





Equipe de Recepção e Acolhida



Equipe de Tesouraria





*Equipe de
Alimentação*



*Equipe e Coordenação
de Jovens*





Equipe de Cultura e Turismo



Equipe de Comunicação e Secretária





Equipe de Liturgia

Caçadora de desaparecidos: um serviço que merece destaque

Na cidade de Maringá, sede do nosso próximo Encontro Nacional, tivemos o prazer de conhecer uma companheira do Movimento Familiar Cristão que honra nossa entidade prestando inestimável serviço a famílias que buscam, em vão, por familiares desaparecidos.

Trata-se de nossa companheira Rosiclei de Freitas Cardoso, simplesmente conhecida como Rosi.

Tudo começou quando o sogro já não alimentava esperanças de encontrar uma irmã desaparecida há 36 anos. Sabendo que a mesma não mais se encontrava no Estado do Paraná, iniciou as buscas pela lista telefônica on-line. Posteriormente pediu a diversas Igrejas localizadas no norte do País que divulgassem os dados da desaparecida. De Porto Velho uma igreja lhe sugeriu uma busca nos cartórios eleitorais. E finalmente foi localizar a procurada irmã no Xingu (Foto nº 1)





Em seguida ajudou seu pai, Raimundo a reencontrar o Tio Onílo, que havia desaparecido há 54 anos e acabou sendo localizado na cidade de Três Marias, em Minas Gerais. (Foto nº 2)

Da mesma forma ajudou Licinha a encontrar a irmã Maria em Araguari (MG), depois de 57 anos afastadas. (Foto nº 3)

Hoje já conta mais de 100 pessoas localizadas.

Seu precioso trabalho já foi objeto de reportagem na televisão.

Rosí ressalta que para iniciar a busca obtém primeiramente uma autorização judicial e que é indispensável o nome da mãe do desaparecido para iniciar uma busca nos Cartórios de Registro Civil.

Prontifica-se a ajudar quem quer que seja, sem nada cobrar, pelo simples prazer de ser útil.

Seu endereço eletrônico para contato é:
rosi_fcardoso@yahoo.com.br



Foto nº 1





Foto nº 2



Foto nº 3





Azul ou amarelo, sol ou lua, frio ou calor...

Que bom que temos diferenças, que bom que temos as nossas crenças e convicções firmes em um propósito, há momentos que temos que ser a diferença – somos em muito a própria diferença.

Somos melhores quando deixamos fluir a essência das nossas virtudes, e esta se manifesta em ações com leveza e chegam aos outros como uma canção suave, mesmo que não seja o estilo do outro.

“A verdade deve manifestar-se em nossos pensamentos, palavras e ações”, nos lembra Ghandi. Mas qual é a sua verdade? Esta talvez seja a única que conhece e vive... talvez exista uma sutil diferença entre a minha verdade e a sua verdade, e é ela que nos move, e esta precisa ser ouvida com atenção, sentida pela alma e manifestada com amor.

Hoje convido a você a viver a sua verdade com amor, lembrando que esta “Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade” 1COR13 – 6, e esta é a expressão maior do homem em tudo que faz. Immanuel Kant nós leva a refletir que devemos “agir sempre baseado naqueles princípios que desejaria ver aplicados universalmente”.

Assim sejamos NÓS com a permissão do EU, lembremos que existem necessidades essenciais que TODO ser humano precisa para viver, mais que qualquer outra coisa: a de ser ouvido na essência, de atenção focada e de sentir-se amado.

Quando a minha verdade e a sua verdade se encontram há um encantamento e talvez surja uma nova verdade a partir das nossas verdades, e assim seremos elementos chave para a construção e fortalecimento de um mundo melhor, por isso nos elevamos a viver no mundo como seres vivos e divinos. Vivamos as nossas diferenças com sabedoria e amor.

Paz e bem!!!

Rubens Carvalho é Coach

